



MONOGRAFIAS

1



---

## CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

---

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

Título

**Monografias AAP**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Carlos Quaresma, João António Marques**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia de capa (cabeça de terracota localizada na c/Almendralejo 41, Mérida)

**M. Bustamante**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

ISBN

**978-972-9451-55-3**

Depósito legal

**396123/15**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud
- 7 Prefácio  
João António Marques
- 9 Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos  
José Carlos Quaresma
- 13 *Terra sigillata Italica* from Caladinho (Redondo, Portugal)  
Rui Mataloto; Joey Williams
- 25 Um contexto construtivo de época tardo augustea em *Augusta Emerita*  
Macarena Bustamante
- 41 Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios, Lisboa  
Rodrigo Banha da Silva
- 69 Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)  
Vitor Pereira, Alcina Cameijo, António Carlos Marques
- 85 Um contexto do segundo quartel do século II: a vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão  
José Carlos Quaresma, Vítor Dias
- 105 A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – última fase de produção  
Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda, Inês Alves Ribeiro
- 117 Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): séculos III-V  
Cézer Santos, Jorge Raposo, José Carlos Quaresma
- 149 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*  
António Manuel S. P. Silva, Pedro Pereira, Teresa P. Carvalho, Filipe Pinto, Laura Sousa



# ANÁLISE CRONO-ESTRATIGRÁFICA DA OLARIA ROMANA DA QUINTA DO ROUXINOL (CORROIOS, SEIXAL)

Cézer Santos<sup>1</sup>, Jorge Raposo<sup>2</sup>, José Carlos Quaresma<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Câmara Municipal do Seixal – Ecomuseu Municipal do Seixal, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / cezer.santos@cm-seixal.pt

<sup>2</sup> Câmara Municipal do Seixal – Ecomuseu Municipal do Seixal, Centro de Arqueologia de Almada, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / jorge.raposo@cm-seixal.pt

<sup>3</sup> CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Bolsa Pós-Doutoramento Fundação para a Ciência e a Tecnologia / josecarlosquaresma@gmail.com

## Resumo

Interpretação sintética da crono-estratigrafia da olaria romana da Quinta do Rouxinol e relacionamento da mesma com o estudo das produções cerâmicas locais e dos materiais exógenos.

São considerados os elementos datantes que suportam as cronologias apontadas (*terra sigillata*, cerâmica africana de cozinha, cerâmica comum africana, cerâmica de imitação de engobe vermelho não vitrificado, almarizes de importação, vidros e numismas).

Trata-se também um pequeno grupo de formas de cerâmica comum de produção local, representativo da influência de modelos técnicos e culturais da cerâmica fina norte-africana (individualizando tipos gerais de pratos, pratos covos e tigelas).

Por fim, abordam-se as produções locais de ânforas mais representativas (Almagro 51c, Almagro 50 / Keay 16 e Lusitana 9).

**Palavras-Chave:** Centro produtor da Quinta do Rouxinol, Estratigrafia dos séculos III/V d.C., Terra sigillata / cerâmica comum / ânforas.

## Abstract

In this paper we intend to make an interpretation of the chrono-stratigraphy from Quinta do Rouxinol and its relation to the study of the local and imported wares.

In that sense, we have taken into account the fine wares (*terra sigillata*, African cooking ware, African coarse ware and IEV-*Imitação de engobe vermelho não vitrificado*), imported mortars, glasses and coins for the establishment of the stratigraphical chronologies.

Secondly we analyse a small group of forms from the local coarse ware (dishes, deep dishes and cups), morphologically closed to African prototypes from *terra sigillata*.

Finally we discuss the more representative local amphorae (Almagro 51c, Almagro 50 / Keay 16 and Lusitana 9).

**Keywords:** Production centre of Quinta do Rouxinol, 3<sup>rd</sup>/5<sup>th</sup> c. AD stratigraphy, Terra sigillata / coarse ware / amphorae.

## 1. INTRODUÇÃO

A identificação da olaria romana da Quinta do Rouxinol, em 1986, deu início a um intenso processo de investigação arqueológica. Até 1991, este teve por objectivo prioritário a escavação e registo do sítio, no âmbito de projecto regional dedicado à ocupação romana na margem esquerda do estuário do Tejo (Amaro 1990; Duarte 1990).

Paralelamente, iniciaram-se os primeiros estudos sobre os materiais exumados, com particular destaque para as produções anfóricas, abordadas tanto na perspectiva formal e tecnológica, como na da caracterização química das pastas cerâmicas utilizadas (Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995; Duarte e Raposo 1996; Cabral, Gouveia e Morgado 1993-1994; Cabral, Fonseca e Gouveia, 2002).

O estudo arqueológico e arqueométrico das produções anfóricas locais conheceu novo impulso a partir de 1999, no contexto de um segundo projecto de investigação centrado na realidade estuarina do Tejo em Época Romana, mas agora alargado a centros de produção e de consumo das duas margens e à sua comparação com outros contextos coevos, mas de diferente enquadramento geográfico (Raposo *et al.*, 2005; Dias, Prudêncio e Rocha, 2003; Dias *et al.*, 2001, 2010 e 2012; Prudêncio *et al.*, 2003).

Desde a descoberta, o sítio entrou em processo de conservação e patrimonialização que conduziu à sua integração na estrutura descentralizada do Ecomuseu Municipal do Seixal e à posterior classificação como Monumento Nacional pelo Estado português (1992). A Câmara Municipal do Seixal tem em curso um programa de interpretação e valorização cujas linhas gerais estão há muito definidas (Raposo e Duarte, 2000).

O valor patrimonial da olaria e o seu potencial cultural e científico justificaram a realização no Seixal de dois importantes eventos científicos, em 1991 e em 2010 (Filipe e Raposo, 1996; Fabião *et al.*, no prelo), o último dos quais associado a um ateliê de arqueologia experimental dedicado à modelação e cozedura de cerâmicas em forno que restitui a ar-

quitectura e o modo de funcionamento de um dos fornos da olaria romana (Raposo e Oliveira, 2010; Raposo *et al.*, 2014; Raposo, 2014).

Em paralelo com a investigação sobre a arquitectura e o modo de funcionamento dos fornos, foi possível avançar com o estudo detalhado das cerâmicas comuns e de construção produzidas localmente, no âmbito do qual se efectuou também a análise petrográfica e tecnológica que permitiu definir e descrever os fabricos cerâmicos em presença (Santos, 2011). Na ocasião, realizou-se ainda a revisão geral da documentação de campo e a interpretação da crono-estratigrafia global do sítio (Santos, 2011), em estreita ligação com o estudo dos materiais de cronologia fina, incluindo a *terra sigillata*, a cerâmica africana de cozinha e os vidros (Quaresma, no prelo), bem como os numismas<sup>1</sup>.

Nesta conjuntura reactivou-se igualmente o estudo das ânforas de produção local, principalmente ao nível da classificação, definição de fabricos, quantificação e tratamento estatístico, desenvolvendo a linha de abordagem metodológica iniciada na década de 1990 (Raposo, Santos e Antunes, no prelo).

É uma síntese destes resultados mais recentes que se apresenta nos pontos seguintes.



Figura 1 – Localização aproximada do ateliê da Quinta do Rouxinol na Península Ibérica.

<sup>1</sup> Os autores agradecem a António Faria a classificação do espólio numismático romano exumado na olaria.

## 2. INTERPRETAÇÃO CRONO-ESTRATIGRÁFICA DO SÍTIO

A análise detalhada de todos os registos de campo, fichas de camada, cadernos, fotografias e desenhos, esteve na base da abordagem global à estratigrafia natural da zona da olaria alvo de escavação arqueológica e permitiu compreender as suas transformações.

Em paralelo com as várias frentes de estudo de materiais, daí resultou uma matriz estratigráfica cronologicamente sustentada, abrindo caminho a uma nova fase de investigação do sítio e à interpretação de contextos, espaços e relações, nomeadamente

a que se estabelece entre os fornos e as fossas detriticas, ou a que respeita ao conjunto estrutural onde se integra o Forno 2.

O sector conhecido desta olaria inclui uma área de fornos, permanecendo desconhecidas as zonas de tratamento e preparação de matérias-primas, bem como de conformação e armazenamento das peças. Numa segunda fase, o espaço foi parcialmente reutilizado como vazadouro de material rejeitado durante a produção oleira. Uma das fossas de despejo localiza-se a Sul dos fornos, sem interferir com as estruturas, enquanto a outra reaproveita o negativo de um deles (Fig. 2).

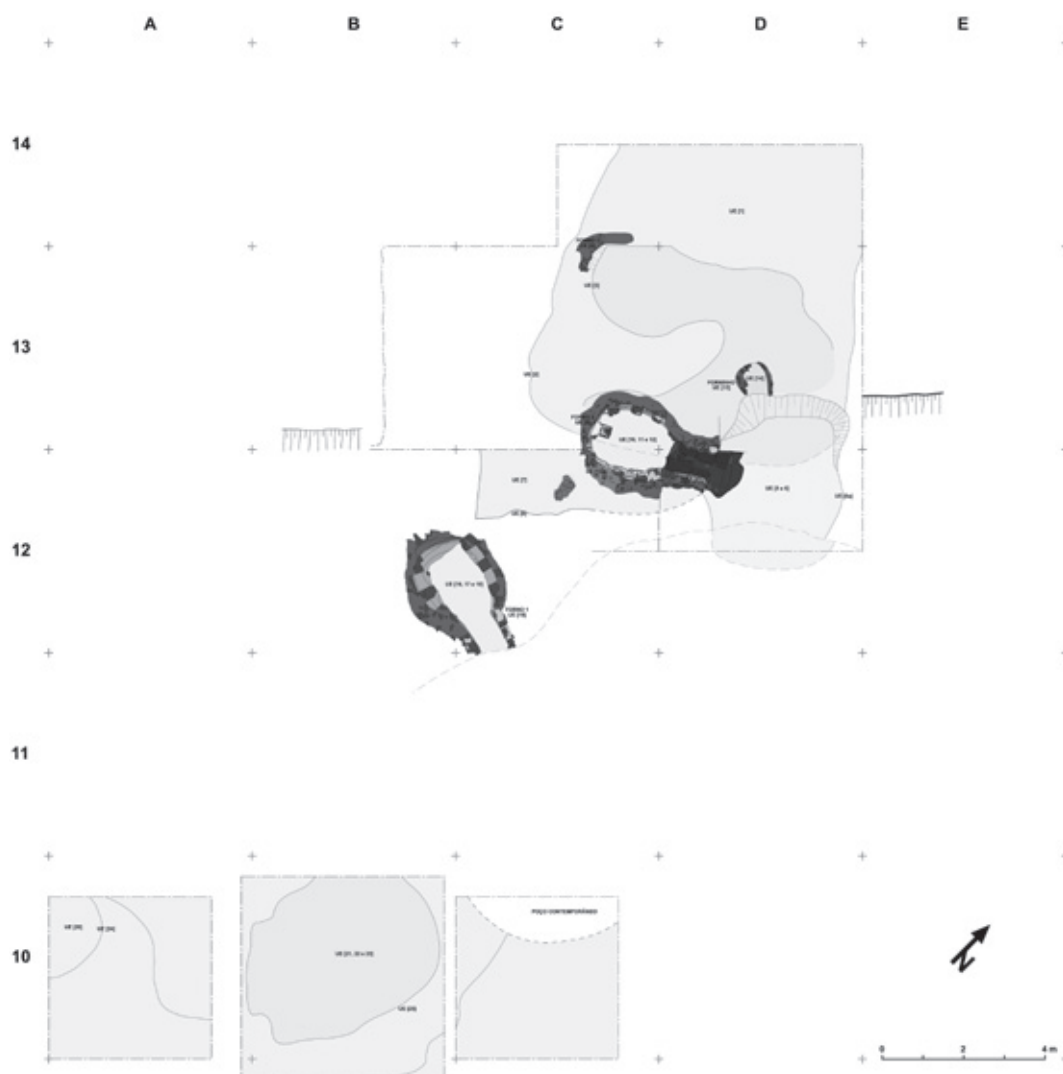


Figura 2 – Plano geral da área escavada na olaria romana da Quinta do Rouxinol, entre 1986 e 1991.

O Forno 1 foi a primeira estrutura identificada no sítio. Dela conservam-se as bases da câmara de combustão, onde restam os arranques dos três arcos que suportariam a grelha que a separava da câmara de cozedura. No fundo acumulava-se uma camada de cinzas negras e esbranquiçadas resultantes das últimas utilizações, a UE 16. O resto do forno estava preenchido com sedimentos que incluíam fragmentos de ânforas, cerâmica comum e cerâmica de construção proveniente do desmoronamento ou demolição da estrutura. Correspondem às UEs 17 e 18 e integram um conjunto de peças completas ou quase, em cerâmica comum, que provavelmente marca o abandono da estrutura, por volta da segunda metade do século III.

O Forno 2 é arquitetonicamente similar ao Forno 1, mas apresenta o fundo do corredor de acesso à câmara de combustão revestido com placas de argila e fragmentos de cerâmica, e um pequeno pilarete vertical junto à arcada de suporte da grelha mais interior. Melhor preservado, está associado a uma outra pequena estrutura de combustão, com a qual partilha uma depressão para abastecimento de lenha. Também aqui as zonas mais profundas estão preenchidas por cinzas negras e esbranquiçadas relacionadas com os últimos momentos de funcionamento, caracterizados pelas UEs 6 e 12. As camadas que se sobrepõem ilustram a fase de abandono ou abatimento e apresentam grandes quantidades de cerâmica de construção, de ânforas e de cerâmica comum, distribuídas pelas UEs 5, 11 e 10. Genericamente, o abandono desta área produtiva datará da segunda metade do século III.

Num depósito estratigráfico precedente à construção do Forno 2 – UE 7, datável de 235-250, que pode ser interpretado como fossa fundacional da estrutura de combustão ou como contexto pré-existente, sem relação directa com esta –, encontrava-se uma “urna” em posição horizontal, com as duas extremidades tapadas por grandes fragmentos de panças de ânfora e telha. A peça está classificada como grande pote no estudo da cerâmica comum de produção local da Olaria (forma 2.7.4.3 – Santos, 2011, p. 98). Apresenta bordo

voltado para o exterior com aba alongada, boleada e oblíqua. O colo é curto e o corpo tem perfil cónico, com alguns sulcos transversais paralelos na face externa. Não conserva o fundo (Fig. 3).

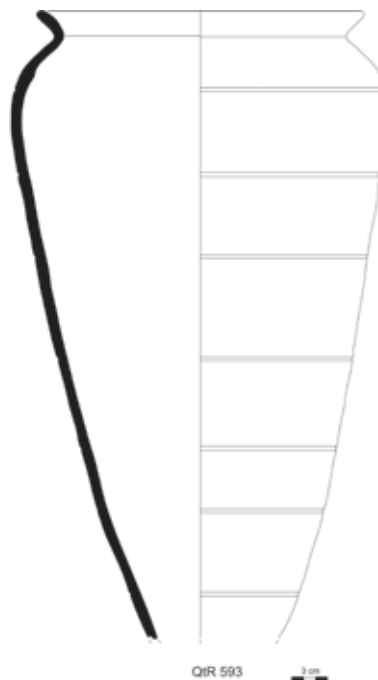


Figura 3 – QtR593. Grande pote canelado recolhido na UE 7.

Do Forno 3 apenas restam um pequeno fragmento de parede e o negativo da estrutura e da possível zona de abastecimento, cujas cavidades foram reutilizadas como parte de uma fossa detritica que corresponde às UEs 2 e 3. É abundante o material cerâmico que preenche toda a depressão, quer sejam ânforas ou cerâmica comum. Integra a UE 1, que cobre toda a área Noroeste da escavação, desenvolvendo-se pelas quadrículas C13-D13 e C14-D14, até ao Forno 2 e à sua fossa de abastecimento. Este uso secundário para despejo de materiais rejeitados durante o processo de fabrico ter-se-á iniciado no segundo quartel do século V.

Uma outra fossa de despejo é materializada pela UE 25, centrada na quadrícula B10, mas com pequenos prolongamentos para A10 e C10. Distingue-se pela morfologia, pois, enquanto a UE 1 é um depósito relativamente superficial, de pequena potência estratigráfica, a UE 25 ocupa uma área se-

melhante mas que atinge quase quatro metros de profundidade. Na base deste depósito detrítico foram depositadas ânforas praticamente completas e restos de troncos e galhos de madeira por queimar. O seu enchimento inclui as UEs 23 e 22c, que correspondem à fase inicial do preenchimento da estrutura negativa, provavelmente na primeira metade do século IV.

As UEs 22a e 22b marcam os depósitos da segunda metade da mesma centúria e, por fim, as UEs 20 e 21 estarão relacionadas com a fase final de col-

matação da fossa, já no primeiro quartel do século V.

Em síntese, esta abordagem global permitiu evidenciar duas grandes fases cronológicas na zona escavada da olaria romana da Quinta do Rouxinol: uma primeira correspondente ao funcionamento dos fornos aí identificados, compreendida genericamente entre os anos 235 e 300; uma segunda que marca o fim da produção nesse sector, e a formação das fossas detríticas associadas a um uso secundário iniciado com o século IV e que terá perdurado até momento posterior a 425.

| Fase     | Subfase    | Cronologia | UE               | Descrição  |  |
|----------|------------|------------|------------------|--|--|
| <b>1</b> | <b>1.1</b> | 235-250    | 7                | Enchimento da vala detrítica que subjaz ao forno 2                               |  |
|          | <b>1.2</b> | 250-300    | 16, 17, 18       | Utilização e abandono do forno 1   |  |
|          |            |            | 14               | Abandono e enchimento do "forninho"  |  |
|          |            |            | 5, 6, 10, 11, 12 | Utilização e abandono do forno 2 e enchimento da sua fossa de abastecimento      |  |
| <b>2</b> | <b>2.1</b> | 300-350    | 22c, 23          | Fase inicial do enchimento da grande fossa de despejos da quadrícula B10         |  |
|          | <b>2.2</b> | 350-400    | 22a, 22b         | Fase intermédia do enchimento da grande fossa de despejos da quadrícula B10      |  |
|          | <b>2.3</b> | 400-425    | 20, 21           | Unidades de topo do enchimento da grande fossa de despejos da quadrícula B10     |  |
|          | <b>2.4</b> | 425+       | 1                | Enchimento da fossa que reocupa parcialmente o forno 3, previamente desmantelado |  |

Figura 4 – Faseamento crono-estratigráfico da Olaria da Quinta do Rouxinol.

Na Fase 1 podemos individualizar o contexto associado à abertura e preenchimento da vala subjacente ao Forno 2 (Subfase 1.1), situada entre 235-250, e a ocupação da segunda metade do século III (Subfase 1.2), relacionada com a utilização e abandono dos fornos 1 e 2 e de uma outra pequena estrutura de combustão ("forninho").

Na Fase 2 distinguem-se três períodos de enchimento da profunda fossa detrítica que se desenvolve nas quadrículas A10, B10 e C10: subfases 2.1, 2.2 e 2.3, datáveis da primeira metade do século IV, da segunda metade da mesma centúria e do primeiro quartel do século V, respectivamente. Aqui se inclui também o enchimento da fossa que reocupa par-

cialmente o espaço do forno 3, ocorrido no segundo quartel do século V ou em momento posterior (Subfase 2.4).

Balizando-se a evidência crono-estratigráfica da olaria da Quinta do Rouxinol entre 235 e 425+, existem, contudo, indicadores que apontam para uma ocupação que poderá recuar à segunda metade do século II. É o caso de alguns exemplares de *terra sigillata* hispânica de La Rioja e Andújar, de *terra sigillata* africana A (Hayes 3 ou 6, 3C e 9), Imitações de Engobe Vermelho, paredes finas locais e vidros (Isings 82 e AR23) (Quaresma, no prelo).

Ainda que o mau estado de conservação não permita classificação precisa e a recolha tenha ocorrido em sedimentos descontextualizados, deve referir-se também o achado no sítio de uma moeda em cobre (QtR1985: sem estampa) provavelmente cunhada no século I, imitando cunhagens dos reinados de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) ou Cláudio (41-54).

Por fim, a possibilidade de uma ocupação e eventual produção cerâmica da olaria da Quinta do Rouxinol na segunda metade do século II é indicada pela presença de contentores anfóricos das formas Dressel 14, Lusitana 3 e Dressel 28 com os fabricos característicos da zona estuarina do Tejo (Duarte, 1990; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995; Duarte e Raposo, 1996; Fabião, 2004).

### **3. METODOLOGIA ESTATÍSTICA E CRITÉRIOS DE ABORDAGEM**

Ao nível metodológico, relativamente às tipologias de cerâmica fina, almofarizes de importação, vidros e numismas, presentes em cada UE e subsequentemente em cada fase estratigráfica, calculámos o número de fragmentos e o número mínimo de indivíduos, segundo os protocolos de Raux (1998). No capítulo relativo aos materiais datantes, aplicámos também o cálculo dos graus de residualidade (tipos cuja cronologia tipológica é anterior à do contexto) e de intrusibilidade (tipos cuja cronologia tipológica é posterior à do contexto, estando presentes por infiltração posterior à formação do contexto), para

determinação dos graus de fiabilidade cronológica de cada fase.

Uma metodologia de apresentação semelhante, mas com alterações, foi utilizada nos capítulos relativos às ânforas e às cerâmicas comuns. Na primeira tipologia, calculou-se o número mínimo de indivíduos com base em dois grandes conjuntos de fragmentos analisados: os bordos e os fundos. A classificação formal foi complementada com a identificação dos fabricos cerâmicos, permitindo quantificar a presença relativa de cada forma nas diversas subfases e fases cronológicas. Tendo o estudo da cerâmica comum sido já objecto de uma monografia da autoria de um dos signatários (Santos, 2011), o capítulo respectivo seguiu a metodologia aplicada então: para filtrar eventuais desvirtuações estatísticas na amostra estudada, a contagem simples do número máximo de fragmentos de bordo presentes na colecção foi seguida do cálculo da *Estimativa de Equivalente de Peça (EEP)*, inspirado no modelo de quantificação de Orton, Tyers e Vince (1993, p. 168-173; Santos, 2011, p. 30), que permite determinar o número aproximado de peças individuais presentes no conjunto, onde se incorpora, igualmente, o produto dos fabricos, de modo a obter-se um maior rigor quantitativo. Na criação dos modelos interpretativos assentes nos dados estatísticos, os dois métodos foram fundamentais para validar e aferir os resultados finais, permitindo também uma uniformização dos critérios quantitativos com outras publicações.

### **4. ESTUDO DAS PRODUÇÕES LOCAIS E EXÓGENAS**

#### **4.1. Materiais datantes**

Como nota prévia, devemos chamar a atenção para o facto de incluirmos nesta secção duas tipologias extraídas do estudo das cerâmicas comuns realizado por um dos signatários (Santos, 2011). São elas as cerâmicas de imitação de engobe vermelho não vitrificado (IEV), cuja tipologia ora apresentada é uma primeira abordagem ao espólio do sítio e um contraponto crono-estratigráfico e tipológico ao

estudo de Fernández Fernández e Morais (2012), sobre a produção de *Bracara Augusta*, e as cerâmicas comuns de imitação que equivalem ao conceito de cerâmicas de imitação de *sigillata* proposto por Juan Tovar (2012), para a Península Ibérica.

#### 4.1.1. Subfase 1.1 (235-250)

A UE 7, a única unidade que constitui esta subfase, diz respeito ao enchimento da vala detritica que subjaz ao forno 2. Com apenas seis indivíduos, no que respeita aos materiais de cronologia fina, não é assim de datação totalmente segura (apesar de ter uma residualidade nula), pelo que colocamos a hipótese de poder pertencer à grande fase da segunda metade do século III, cujas UEs formam já o enchimento da vala de abastecimento do mesmo forno 2. Temos contudo uma diferenciação estratigráfica clara entre as duas grandes unidades re-

feridas, às quais acresce o facto de a *terra sigillata* africana C, nomeadamente o tipo Hayes 50, ainda estar ausente, o que nos permite datar esta primeira subfase 1.1 ainda antes de meados do século III. Se este é o seu *terminus ante quem*, já o seu *terminus post quem* é-nos dado pelo numisma de 235-238 d.C. presente (Duarte e Raposo, 1996; Raposo et al., 2005). Temos assim uma fossa detritica anterior à fundação do forno 2, datada entre 235 e 250 d.C., um período aparentemente curto, consonante com a exiguidade de mobiliário presente.

Nesta subfase verifica-se um domínio completo da *terra sigillata* africana A (Fig. 6, n.º 1), no que toca à cerâmica fina de mesa, com a ausência de africana C e de africana de cozinha. Por outro lado, atesta-se que, pelo menos nesta subfase (se não antes), já se iniciara a produção local de Imitação de Engobe Vermelho (Fernández Fernández e Morais, 2012).

| Classe                      | Origem                            | Tipo               | Frag.    | NMI      | NMI Prod. | % NMI Produção |
|-----------------------------|-----------------------------------|--------------------|----------|----------|-----------|----------------|
| Vidro                       | Vidro                             | Isings 82b         | 1        | 1        | 1         | 16,7           |
| <i>Terra sigillata</i>      | <i>Terra sigillata</i> africana A | Hayes 27=L9a       | 2        | 2        | 3         | 50,0           |
|                             |                                   | Hayes 27=L9a2      | 1        | 1        |           |                |
|                             |                                   | Ind.               | 2        |          |           |                |
| Imitação de Engobe Vermelho | Engobe                            | Hayes 3C (1.3.4.5) | 1        | 1        | 1         | 16,7           |
| Numisma                     | Numisma                           | 235-238 d.C.       | 1        | 1        | 1         | 16,7           |
| <b>Total</b>                |                                   |                    | <b>8</b> | <b>6</b> | <b>6</b>  | <b>100,0</b>   |
| <b>Residualidade: 0%</b>    |                                   |                    |          |          |           |                |
| <b>Intrusibilidade: 0%</b>  |                                   |                    |          |          |           |                |

Figura 5 – Quantificação do espólio fino da Subfase 1.1 (235-250).

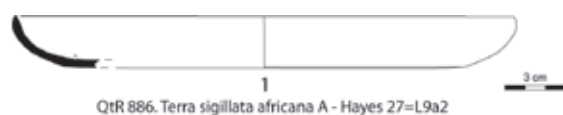


Figura 6 – Espólio fino da Subfase 1.1 (235-250).

#### 4.1.2. Subfase 1.2 (250-300)

As unidades desta subfase constituem o enchimento da fossa de abastecimento do forno 2, sendo assim contemporâneas do seu funcionamento, que pode durar cerca de meio século. Sinalizam também os úl-

timos momentos de utilização e o abandono do forno 1 e do denominado “forninho”. O surgimento de exemplares de *terra sigillata* africana C, tipo Hayes 50, dá-nos um *terminus post quem* de 250 d.C., enquanto a ausência de *terra sigillata* africana D aponta para um *terminus ante quem* de 300 d.C.. A baixa residualidade desta fase (4,5 %) é também um bom indicador de segurança cronológica. Poderemos estar em face de uma fossa datável entre 240 e 250 d.C. (sendo 240 d.C. a cronologia inicial da Hayes 50 – Hayes, 1972), o que obrigaria a recuar a data-

ção da subfase 1.1 (UE 7: vala subjacente ao forno 2) para 235-238/240 d.C.? Contudo, na perspectiva de futuros desenvolvimentos da investigação, esta cronologia absoluta deve ser encarada com muita prudência.

Na Subfase 1.2 mantém-se o domínio da *terra sigillata* do Norte da Tunísia, que duplica a nova produção da Bizacena, confirmando a ideia da continuidade dessa produção após os meados do século III, seguramente através do tipo Hayes 15, mas talvez também pelos tipos Hayes 14B e 27 (Fig. 8, n.º s 2-3) (Bonifay, 2004; Quaresma, 2011, 2012, 2013, no prelo). O segundo aspecto a relevar é o da

confirmação da produção de Imitação de Engobe Vermelho (IEV), que engloba não só a técnica de engobe, mas também uma nova técnica, a do polimento. No século III, as cerâmicas de IEV da Quinta do Rouxinol inspiram-se em duas regiões de produção de *terra sigillata*, a hispânica e a africana (Norte da Tunísia), mas também na produção de cerâmica africana de cozinha, muito provavelmente da área meridional da Tunísia, se tivermos em conta que a técnica usada no tipo Hayes 181B é a do polimento, o que condiz com a tecnologia empregue na Bizacena para a produção de cerâmica de cozinha (Bonifay, 2004, p. 213: categoria B, de verniz lustrado).

| Classe   | Origem                               | Tipo                 | Frag.     | NMI       | NMI Prod. | % NMI Produção |
|--|--------------------------------------|----------------------|-----------|-----------|-----------|----------------|
| <i>Terra sigillata</i>                         | <i>Terra sigillata</i><br>africana A | Hayes 9 ou 14        | 3         | 3         | 10        | 45,5           |
|  |                                      | Hayes 14B            | 1         | 1         |           |                |
|  |                                      | Hayes 14C            | 1         | 1         |           |                |
|  |                                      | Hayes 15             | 2         | 2         |           |                |
|  |                                      | Hayes 26 ou 27       | 1         | 1         |           |                |
|  |                                      | Hayes 27=L9a         | 4         | 2         |           |                |
|  | Ind.                                 | 5                    |           |           |           |                |
|  | <i>Terra sigillata</i><br>africana C | Hayes 50             | 2         | 2         | 5         | 22,7           |
|  |                                      | Hayes 50A            | 3         | 3         |           |                |
|  |                                      | Ind.                 | 5         |           |           |                |
| <i>Terra sigillata</i><br>hispânica – La Rioja | D15/17                               | 1                    | 1         | 1         | 4,5       |                |
|  | Ind.                                 | 1                    |           |           |           |                |
| Imitação<br>de Engobe<br>Vermelho              | Polimento                            | Hayes 181B (1.1.2.2) | 1         | 1         | 2         | 9,1            |
|  |                                      | Hispan.42            | 1         | 1         |           |                |
|  | Engobe                               | Hayes 3C (1.3.4.5)   | 1         | 1         | 1         | 4,5            |
| Paredes Finas                                  | Local/Regional                       | Forma facetada       | 1         | 1         | 1         | 4,5            |
| Vidro  |                                      | Isings 50            | 1         | 1         | 2         | 9,1            |
|  |                                      | AR 23                | 1         | 1         |           |                |
| <b>Total</b>                                   |                                      |                      | <b>35</b> | <b>22</b> | <b>22</b> | <b>100,0</b>   |
| <b>Residualidade: 4,5%</b>                     |                                      |                      |           |           |           |                |
| <b>Intrusibilidade: 0%</b>                     |                                      |                      |           |           |           |                |

Figura 7 – Quantificação do espólio fino da Subfase 1.2 (250-300).

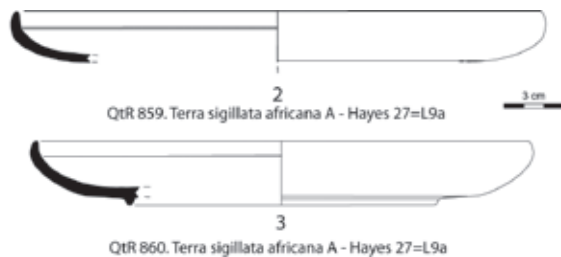


Figura 8 – Espólio fino da Subfase 1.2 (250-300).

#### 4.1.3. Subfase 2.1 (300-350)

As unidades desta subfase constituem as primeiras deposições do enchimento da grande fossa de despejos da quadrícula B10, cuja cronologia global decorre até aos inícios do século V. Estas primeiras UEs datam-se já no século IV, em face da presença de um exemplar de almofariz bizaceno (Fig. 10, n.º 5), cuja variante se enquadra na primeira metade do século IV (Bonifay, 2004, p. 252). Regista-se um aumento significativo da residualidade, que atinge agora os 35%.

Nesta subfase assiste-se à extinção das importações de *terra sigillata africana A* e ao início da pre-

dominância da produção bizacena, que alarga o repertório e as técnicas presentes (C, C/E? e relevos aplicados – Fig. 10, n.º 4). Por outro lado, surgem pela primeira vez cerâmicas culinárias e comuns (almofariz), tanto do Norte como do Centro da Tunísia. A produção de IEV mantém-se baixa percentualmente e ligada a um tipo já conhecido anteriormente, a Hayes 181B (inspirada na cerâmica africana de cozinha), agora pela primeira vez com engobe, técnica que só havia produzido até então formas inspiradas na Hayes 3C (*terra sigillata africana A*). Um aspecto crucial nos vectores comerciais espelhados nesta subfase é o da ausência de *terra sigillata africana D*, cujo início em muitos sítios peninsulares deve rondar igualmente os meados do século IV, sendo então a primeira metade da centúria dominada pela produção bizacena. Noutro lugar já havíamos colocado esta hipótese, com base nas evoluções estatísticas dos grandes conjuntos tipológicos peninsulares, onde urge encontrar estratos desta fase (Quaresma, 2012, cap. 4).

| Classe   | Origem                     | Tipo                       | Frag.     | NMI       | NMI Prod. | % NMI Produção |
|--|----------------------------|----------------------------|-----------|-----------|-----------|----------------|
| Terra sigillata                                  | Terra sigillata africana A | Hayes 3 ou 6               | 1         | 1         | 6         | 42,9           |
|  |                            | Hayes 14                   | 1         | 1         |           |                |
|  |                            | Hayes 14A                  | 1         | 1         |           |                |
|  |                            | Hayes 15                   | 3         | 3         |           |                |
|  |                            | Ind.                       | 2         |           |           |                |
|  | Terra sigillata africana C | Hayes 44                   | 2         | 2         | 2         | 14,3           |
|  |                            | Ind.                       | 2         |           |           |                |
| Terra sigillata africana C3 de relevos aplicados | Hayes 52B                  | 1                          | 1         | 1         | 7,1       |                |
| Terra sigillata africana C ou C/E                | Hayes 45A                  | 1                          | 1         | 1         | 7,1       |                |
| Cerâmica Africana Cozinha                        | Norte da Tunísia           | Hayes 181B (Bonifay, 2004) | 1         | 1         | 1         | 7,1            |
| Cerâmica Comum Africana                          | Bizacena                   | Tipo 10 (Bonifay, 2004)    | 1         | 1         | 1         | 7,1            |
| Imitação de Engobe Vermelho                      | Engobe                     | Hayes 181B (1.1.2.2)       | 2         | 2         | 2         | 14,3           |
| <b>Total</b>                                     |                            |                            | <b>18</b> | <b>14</b> | <b>14</b> | <b>100,0</b>   |
| <b>Residualidade: 35%</b>                        |                            |                            |           |           |           |                |
| <b>Intrusibilidade: 0%</b>                       |                            |                            |           |           |           |                |

Figura 9 – Quantificação do espólio fino da subfase 2.1 (300-350).

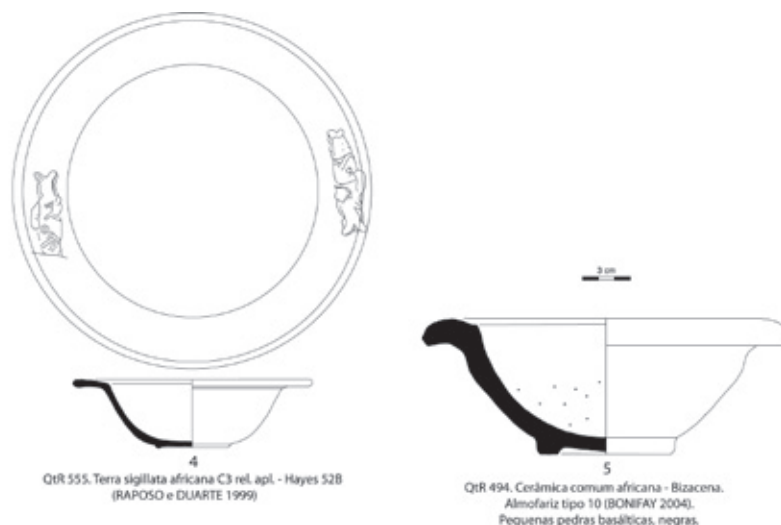


Figura 10 – Espólio fino da subfase 2.1 (300-350). Decorações à escala de 1/2.

#### 4.1.4. Subfase 2.2 (350-400)

As unidades da segunda metade do século IV continuam o enchimento da grande fossa detrítica da quadrícula B10. O nível de residualidade mantém-se em torno dos 30%, nos quais se engloba toda a *terra sigillata* africana A e hispânica de La Rioja. Apesar da escassez de numismas em estratigrafia no sítio, é de salientar o aparente aumento de circulação monetária no século IV, sendo as cunhagens presentes nesta fase datáveis na fase anterior, em termos de produção (uma das cunhagens é atribuível a 310-320 d.C. – Raposo *et al.*, 2005). O surgimento de Hayes 67A, em cerâmicas de Imitação de Engobe Vermelho, dá-nos um *terminus post quem* para esta fase estratigráfica que, por outro lado, não deve ultrapassar a charneira para o século V (Bonifay, 2004).

A segunda metade do século IV assiste à manutenção do comércio de *terra sigillata* africana C (e relevos aplicados) (Fig. 12, n.ºs 6-7), bem como de cerâmica africana de cozinha do Norte da Tunísia (Fig. 12, n.º 8), região que passa a fornecer timidamente *terra sigillata* africana D. A grande questão a realçar nesta subfase é a da importância crescente dos fenómenos de imitação de engobe vermelho (IEV), através de um tipo covo inspirado na Hayes 67A (tipo 1.3.4.9 de Santos, 2011) e do surgimento de cerâmicas comuns com motivos de imitação de

*sigillata* (CIS) aplicados no seu fundo inspirados na mesma produção fina africana, de que falaremos na próxima subfase.

#### 4.1.5. Subfase 2.3 (400-425)

As unidades de topo do enchimento da vala detrítica da quadrícula B10 possuem uma residualidade muito alta, com o valor mais elevado de toda a estratigrafia. Neste bolo residual estão todos os elementos de *terra sigillata* hispânica e africana A e C, bem como a cerâmica africana de cozinha do Norte da Tunísia, já que os tipos Hayes 181B e Hayes 196 (variante B) não alcançam os inícios do século V (Bonifay, 2004, p. 225-227). O mesmo se pode dizer do tipo Hayes 3C de cerâmica de IEV, tanto em engobe como em polimento, cuja datação não ultrapassa a primeira metade do século III. Também o único vidro presente, tipo Isings 50, é residual (Rütti, 1991). O numisma provavelmente cunhado entre 375-395 d.C. dá-nos um *terminus post quem*, reforçado pelo tipo Hayes 67B, datado por Bonifay (2004, p. 117) a partir de finais do século IV. Esta subfase é dominada pela *terra sigillata* africana D, que à Hayes 67B acrescenta a Hayes 59B (Fig. 14, n.º 9).

| Classe                            | Origem   | Tipo                | Frag.     | NMI       | NMI Prod. | % NMI Produção |
|-----------------------------------|--|---------------------|-----------|-----------|-----------|----------------|
| Terra sigillata                   | Terra sigillata africana A                       | Hayes 9B, n.16=L2b  | 1         | 1         | 6         | 24,0           |
|                                   |  | Hayes 14A           | 1         | 1         |           |                |
|                                   |  | Hayes 14B           | 3         | 3         |           |                |
|                                   |  | Hayes 27=L9a        | 1         | 1         |           |                |
|                                   |  | Ind.                | 6         |           |           |                |
|                                   | Terra sigillata africana C                       | Hayes 44            | 1         | 1         | 8         | 32,0           |
|                                   |  | Hayes 45            | 2         | 2         |           |                |
|                                   |  | Hayes 45A           | 1         | 1         |           |                |
|                                   |  | Hayes 50            | 3         | 3         |           |                |
|                                   |  | Hayes 50A=L40 bis   | 1         | 1         |           |                |
|                                   | Ind.   | 1                   |           |           |           |                |
|                                   | Terra sigillata africana C3 de relevos aplicados | Hayes 52B           | 1         | 1         | 1         | 4,0            |
|                                   | Terra sigillata africana D1                      | Hayes 59A           | 1         | 1         | 1         | 4,0            |
| Ind.                              |  | 1                   |           |           |           |                |
| Terra sigillata hispânica-Andújar | D27  | 1                   | 1         | 1         | 4,0       |                |
| Cerâmica Africana Cozinha         | Norte da Tunísia                                 | Hayes 197           | 1         | 1         | 2         | 8,0            |
|                                   |  | Hayes 23            | 1         | 1         |           |                |
| Imitação de Engobe Vermelho       | Engobe   | Hayes 3C (1.3.4.5)  | 1         | 1         | 2         | 8,0            |
|                                   |  | Hayes 67A (1.3.4.9) | 1         | 1         |           |                |
|                                   | Polimento  | Hayes 67A (1.3.4.9) | 1         | 1         | 1         | 4,0            |
| Cerâmica Comum Imitação           | Sem engobe                                       | Tigela (1.3)        | 1         | 1         | 1         | 4,0            |
| Numisma                           |  | 310-320 d.C.        | 1         | 1         | 2         | 8,0            |
|                                   |  | Séc. IV             | 1         | 1         |           |                |
| <b>Total</b>                      |  |                     | <b>33</b> | <b>25</b> | <b>25</b> | <b>100,0</b>   |
| <b>Residualidade: 32%</b>         |  |                     |           |           |           |                |
| <b>Intrusibilidade: 0%</b>        |  |                     |           |           |           |                |

Figura 11 – Quantificação do espólio fino da subfase 2.2 (350-400).

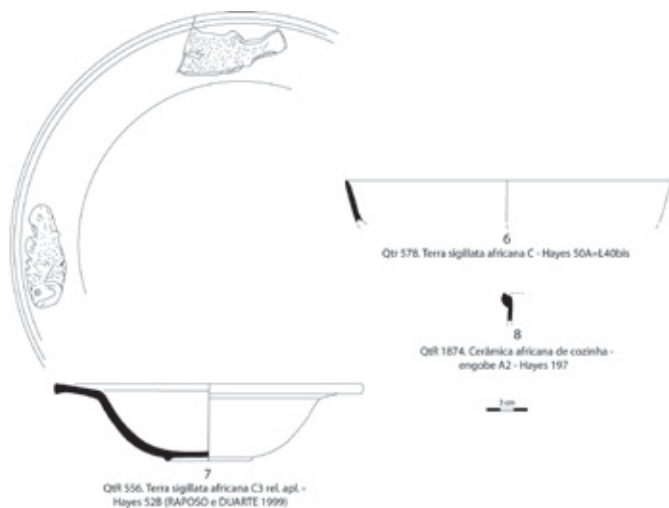


Figura 12 – Espólio fino da subfase 2.2 (350-400). Decorações à escala de 1/2.

| Classe                      | Origem                      | Tipo                       | Frag.     | NMI       | NMI Prod. | % NMI Produção |
|-----------------------------|-----------------------------|----------------------------|-----------|-----------|-----------|----------------|
| Terra sigillata             | Terra sigillata africana A  | Hayes 3C                   | 1         | 1         | 4         | 25,0           |
|                             |                             | Hayes 27=L9a               | 2         | 2         |           |                |
|                             |                             | Hayes 27=L9a2              | 1         | 1         |           |                |
|                             | Terra sigillata africana C  | Hayes 44                   | 1         | 1         | 1         | 6,3            |
|                             |                             | Ind.                       | 2         |           |           |                |
|                             | Terra sigillata africana D1 | Hayes 59B                  | 1         | 1         | 2         | 12,5           |
|                             |                             | Hayes 67B                  | 1         | 1         |           |                |
| TSH-La Rioja                | Prato                       | 1                          | 1         | 1         | 6,3       |                |
| Cerâmica Africana Cozinha   | Norte da Tunísia            | Hayes 181B (Bonifay, 2004) | 1         | 1         | 2         | 12,5           |
|                             |                             | Hayes 196                  | 1         | 1         |           |                |
| Imitação de Engobe Vermelho | Polimento                   | Hayes 3C (1.3.4.5)         | 2         | 2         | 2         | 12,5           |
|                             | Engobe                      | Hayes 3C (1.3.4.5)         | 2         | 2         | 2         | 12,5           |
| Vidro                       | Azul                        | Isings 50                  | 1         | 1         | 1         | 6,3            |
| Numisma                     |                             | 375-395 d.C.               | 1         | 1         | 1         | 6,3            |
| <b>Total</b>                |                             |                            | <b>18</b> | <b>16</b> | <b>16</b> | <b>100,0</b>   |
| <b>Residualidade: 68,7%</b> |                             |                            |           |           |           |                |
| <b>Intrusibilidade: 0%</b>  |                             |                            |           |           |           |                |

Figura 13 – Quantificação do espólio fino da subfase 2.3 (400-425).



Figura 14 – Espólio fino da subfase 2.3 (400-425).

#### 4.1.6. Subfase 2.4 (425+)

A UE 1 consiste na amortização da fossa do forno 3 e é a subfase estratigráfica mais rica em indivíduos, embora presente também o segundo nível mais elevado de residualidade. Cinco produções são completamente residuais: a *terra sigillata* africana A e C, a hispânica de La Rioja, os vidros e as paredes finas.

A cronologia em torno aos inícios do segundo quartel do século V que atribuímos a esta subfase é-nos fornecida pelo exemplar de cerâmica de IEV inspirado possivelmente na Hayes 80A africana, forma que está datada por Bonifay (2004, p. 173) em meados ou segunda metade do século V, enquanto Mackensen (1993, p. 406) recua o seu início a 420 d.C. Em Cartago (Hayes 80/81) está diagnosticada desde o primeiro quartel do século V (Reynolds, 1995, p. 149; Fulford e Peacock, 1984, p. 57), mas é sem dúvida a partir do segundo quartel que esta

forma surge com mais intensidade em vários contextos ocidentais (Anselmino *et al.*, 1986; Bonifay, Carré e Rigoir, 1998; Orfila Pons e Cau Ontiveros, 1994; Santamaria, 1995; Deneauve, 1972; TED'A, 1989).

Nesta subfase, estamos perante um domínio da *terra sigillata* africana D1 (Fig. 16, n.ºs 10-12), mas num quadro comercial de fraca intensidade e através de tipos em final de vida (Hayes 59 e 67A, B). Estes inícios do segundo quartel do século V assumem-se como uma fase de expansão das cerâmicas de IEV – dominadas pelo tipo Hayes 61 (Fig. 20, n.ºs 15 e 17), seguido ao longe pelos tipos Hayes 67A (Fig. 28, n.º 33: o perfil deste exemplar, bem como o do n.º 11 em *terra sigillata*, é similar ao tipo *Atlante* XXXVIII, 2, com rupturas de perfil suavizadas. Está datado em Cartago em níveis imediatamente anteriores à muralha de *Theodosius* II – 425 d.C. – e no naufrágio de Anse Gerbal – *Atlante*, 1981, p. 259. Surge também no contexto de 425-450 d.C. de *Portus Sucronem* – Hurtado *et al.*, 2008, fig. 7, n.º 7) e Hayes 80A –, que ultrapassam largamente os valores da *terra sigillata* africana D1. A esta tipologia acresce também uma pequena quantidade de

cerâmica comum com temáticas decorativas de inspiração africana, nomeadamente o estilo A de Hayes (1972), datável até à primeira metade do século V, que denominamos de Cerâmica Comum de

Imitação (Fig. 26, n.º 28) e que Juan Tovar denomina de Cerâmica de Imitação de *Sigillata* (CIS), com datações estratigráficas entre 425 e 500 d.C. (Juan Tovar, 2012).

| Classe                      | Origem                             | Tipo                        | Frag.     | NMI       | NMI Prod. | % NMI Produção |
|-----------------------------|------------------------------------|-----------------------------|-----------|-----------|-----------|----------------|
| Terra sigillata             | Terra sigillata africana A         | Hayes 9 ou 14               | 1         | 1         | 14        | 24,6           |
|                             |                                    | Hayes 14C                   | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 15                    | 4         | 4         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 16                    | 2         | 2         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 26 ou 27              | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 27=L9a                | 4         | 4         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 27=L9a2               | 1         | 1         |           |                |
|                             | Terra sigillata africana C         | Hayes 50A                   | 4         | 3         | 3         | 5,3            |
|                             |                                    | Ind.                        | 4         |           |           |                |
|                             | Terra sigillata africana D1        | Hayes 59                    | 1         | 1         | 3         | 5,3            |
|                             |                                    | Hayes 67A                   | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 67B                   | 1         | 1         |           |                |
|                             | Terra sigillata hispânica-La Rioja |                             | D15/17    | 1         | 1         | 1              |
| Imitação de Engobe Vermelho | Engobe                             | Drag. 27                    | 1         | 1         | 19        | 33,3           |
|                             |                                    | Hayes 3C (1.3.4.5)          | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 14B (1.3.2.2)         | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 61 (1.2.3.3)          | 10        | 10        |           |                |
|                             |                                    | Hayes 61 (1.2.3.4)          | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 67A (1.3.4.9)         | 2         | 2         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 80A                   | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 91 (1.5.10.1)         | 2         | 2         |           |                |
|                             | Polimento                          | Hayes 181B (1.1.2.2)        | 1         | 1         | 8         | 14,0           |
|                             |                                    | Hispan. 42                  | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 14B (1.3.2.2)         | 4         | 4         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 61 (1.2.3.3)          | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Hayes 70/Hayes 73 (1.3.4.8) | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    |                             |           |           |           |                |
| Cerâmica Comum Imitação     | Engobe                             | Tigela (1.3.4.6)            | 1         | 1         | 1         | 1,8            |
|                             | Sem engobe                         | Prato (1.1)                 | 1         | 1         | 3         | 5,3            |
| Tigela (1.3)                |                                    | 2                           | 2         |           |           |                |
| Vidro                       |                                    | Isings 92                   | 1         | 1         | 4         | 7,0            |
|                             |                                    | Isings 80                   | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | Isings 50                   | 1         | 1         |           |                |
|                             |                                    | AR 98                       | 1         | 1         |           |                |
| Paredes Finas               | Local/Regional                     | Forma facetada              | 1         | 1         | 1         | 1,8            |
| <b>Total</b>                |                                    |                             | <b>66</b> | <b>57</b> | <b>57</b> | <b>100,0</b>   |
| <b>Residualidade: 55,3%</b> |                                    |                             |           |           |           |                |
| <b>Intrusibilidade: 0%</b>  |                                    |                             |           |           |           |                |

Figura 15 – Quantificação do espólio fino da subfase 2.4 (425+).

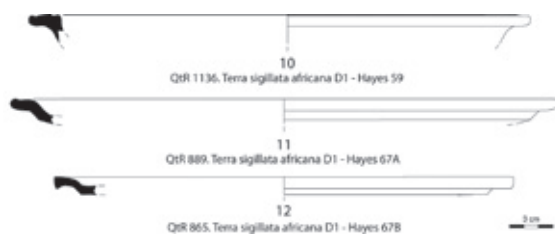


Figura 16 – Espólio fino da subfase 2.4 (425+).

## 4.2. Cerâmica comum

No que cabe à produção da cerâmica comum, este centro oleiro apresenta uma vasta gama de formas e variantes tipológicas que visavam suprir todas as necessidades do quotidiano da população local e/ou regional. Como pode observar-se no quadro quantitativo de síntese (Fig. 17), estão presentes todas as formas básicas do repertório romano.

| Formas               | N.º de Subvariantes Tipológicas | N.º de Fragmentos de bordo | Estimativa de Equivalente de Peça (EEP) | Fase 1      | Fase 2      | Cronologia Indeterminada |
|----------------------|---------------------------------|----------------------------|---|-------------|-------------|--------------------------|
| Prato                | 9                               | 1513                       | 99                                      | 314         | 1123        | 76                       |
| Prato Covo           | 4                               | 526                        | 40                                      | 26          | 467         | 33                       |
| Tigela               | 12                              | 650                        | 74                                      | 137         | 470         | 43                       |
| Bacia                | 5                               | 79                         | 11                                      | 17          | 57          | 5                        |
| Almofariz            | 4                               | 282                        | 25                                      | 58          | 205         | 19                       |
| Alguidar             | 9                               | 510                        | 39                                      | 46          | 425         | 39                       |
| Funil                | 1                               | 3                          | 3                                       | 0           | 2           | 1                        |
| Tacho                | 5                               | 2013                       | 245                                     | 486         | 1373        | 154                      |
| Pote/Panela          | 8                               | 2115                       | 198                                     | 323         | 1637        | 155                      |
| Potinho              | 8                               | 589                        | 82                                      | 152         | 406         | 31                       |
| Jarro                | 4                               | 275                        | 45                                      | 48          | 210         | 17                       |
| Bilha                | 11                              | 329                        | 69                                      | 68          | 241         | 20                       |
| Cântaro              | 3                               | 73                         | 6                                       | 10          | 50          | 13                       |
| Grande Pote Canelado | 3                               | 41                         | 7                                       | 8           | 32          | 1                        |
| Talha                | 5                               | 27                         | 7                                       | 9           | 15          | 3                        |
| Tampa                | 6                               | 262                        | 70                                      | 66          | 171         | 25                       |
| Lucerna              | 3                               | 6                          | 6                                       | 0           | 6           | 0                        |
| Molde                | 2                               | 3                          | 3                                       | 0           | 3           | 0                        |
| Suporte              | 7                               | 330                        | 78                                      | 51          | 256         | 23                       |
| Peso                 | 4                               | 12                         | 12                                      | 3           | 9           | 0                        |
| <b>Total</b>         | <b>113</b>                      | <b>9638</b>                | <b>1124</b>                             | <b>1822</b> | <b>7158</b> | <b>658</b>               |

Figura 17 – Formas de cerâmica comum presentes na olaria romana da Quinta do Rouxinol, com a sua distribuição pelas duas grandes fases de ocupação do sítio: Fase 1 – 2.º quartel a finais do século III; Fase 2 – Início do século IV a momento posterior ao 1.º quartel do século V.

Por ser impossível tratar neste artigo toda a realidade acima exposta, cingimo-nos a um pequeno grupo representativo da influência de modelos técnicos e culturais da cerâmica fina norte-africana, constituído exclusivamente por pratos, tigelas e almofarizes (Fig. 18). Para além dos aspectos técni-

cos e morfológicos, também se verificam alguns esquemas decorativos de inspiração norte-africana, muitas vezes ilustrando uma fusão estilística (ver *supra* discussão na fase de 425+, acerca das cerâmicas datantes).

| Classe         | Origem                     | Tipo                 | N.º de Frag. | EEP | EEP Produção | % EEP Produção |
|----------------|----------------------------|----------------------|--------------|-----|--------------|----------------|
| Cerâmica Comum | Lusitania, Tejo (Rouxinol) | 1.1.2.2 (H181b)      | 104          | 9   | 105          | 8,6%           |
|                |                            | 1.1.3.4 (H61)        | 512          | 38  |              | 36,2%          |
|                |                            | 1.1.4.1 (H58)        | 29           | 3   |              | 2,9%           |
|                |                            | 1.2.3.3 (H61)        | 156          | 13  |              | 12,4%          |
|                |                            | 1.3.2.2 (H14b)       | 170          | 18  |              | 17,1%          |
|                |                            | 1.3.4.5 (H3c)        | 54           | 5   |              | 4,8%           |
|                |                            | 1.3.4.6 (H3e?)       | 34           | 8   |              | 7,6%           |
|                |                            | 1.3.4.8 (H44 e 73)   | 10           | 2   |              | 1,9%           |
|                |                            | 1.3.4.9 (H67a)       | 24           | 4   |              | 3,8%           |
|                |                            | Fundo Prato 1.1      | 1            | 1   |              | 1,0%           |
|                |                            | Fundo Tigela 1.3.4.6 | 1            | 1   |              | 1,0%           |
|                |                            | Fundo Tigela 1.3     | 3            | 3   |              | 2,9%           |
| <b>Total</b>   |                            |                      | <b>1098</b>  |     |              | 100%           |

Figura 18 – Formas de cerâmica comum tratadas no presente artigo, com correspondente representatividade proporcional.

Parece-nos cada vez mais importante o desenvolvimento do estudo das cerâmicas de produção local/regional para compreender as variações socio-económicas de pequena escala e complementar os dados cronológicos obtidos pelas cerâmicas finas. No conjunto que agora apresentamos é possível verificar estes aspectos, sobretudo por pertencer a contextos bem caracterizados, estratigráfica e cronologicamente.

Na generalidade do conjunto, as formas são bastante coerentes no que respeita ao contexto crono-estratigráfico do sítio. No entanto, surgem “anomalias” que induzem alguma perplexidade quando temos em conta a forma, a decoração e a cronologia.

#### 4.2.1. Pratos e pratos covos

Foram seleccionadas quatro formas de pratos que apresentam características morfológicas que podem remeter para três tipos de cerâmicas finas: Hayes 32/58, Hayes 61 e Hayes 181B (Fig. 23).

A forma 1.1.2.2/H181B (Fig. 19) encontra-se representada em todas as subfases cronológicas da olaria, tendo, no entanto, uma expressão mais significativa nos depósitos da fossa detrítica do sector B10, com cronologia do século IV (subfases 2.1 a 2.3). Esta forma de prato é relativamente comum no elenco das cerâmicas romanas, com paralelos que vêm desde os pratos de verniz vermelho pompeiano, forma Aguarod 6 (Aguarod Otal, 1991), e aqui se atesta a sua continuidade no século IV. Porém, uma presença tão importante nesta fase tardia pode ter a ver com a elevada residualidade de cerâmicas mais antigas neste contexto de entulheira. Apesar da perduração deste tipo de prato, verifica-se que dos 104 fragmentos existentes só dois apresentam uma aguada de revestimento, levando-nos a crer que nesta forma não há, aparentemente, uma deliberada intenção de imitar as características típicas das cerâmicas norte-africanas, mas apenas a continuidade da morfologia.

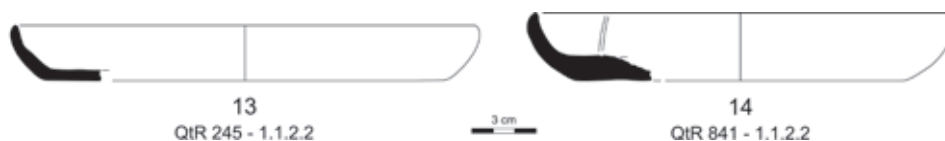


Figura 19 – Pratos da forma 1.1.2.2 / Hayes 181B.

Quanto às formas 1.1.3.4 e 1.2.3.3/H61, observam-se dois momentos produtivos de maior expressão: um, correspondente aos meados do segundo quartel do século III e finais desta centúria; outro, entre a segunda metade do século IV e a primeira do V.

Os exemplares da primeira fase apresentam perfis ligeiramente menos complexos, sem decorações ou sulcos evidentes no fundo, e sem que qualquer fragmento apresente vestígios de aguada ou polimento na superfície. Em contrapartida, todos os fragmentos

que evidenciam este tipo de acabamento (Imitação de Engobe Vermelho – IEV) inserem-se no contexto da segunda fase de produção (Fase 2). Neste âmbito cronológico encontram-se peças claramente inspiradas no modelo africano Hayes 61, o que é cronologicamente coerente, como sucede nas peças **n.os 15 e 16 (Fig. 20)**, que tentam reproduzir a variante Hayes 61A, embora o último só tenha alisamento de superfície (e um bordo atrofiado), e no **n.º 17 (Fig. 20)**, que se aproxima da variante Hayes 61B.

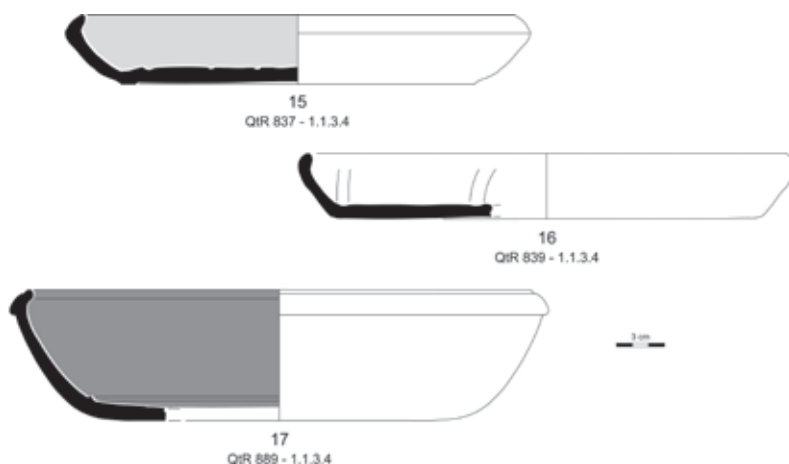


Figura 20 – Pratos e prato covo das formas 1.1.3.4 e 1.2.3.3 / Hayes 61.

O prato da forma 1.1.4.1 (Fig. 21) sugere-nos alguma afinidade com o modelo norte-africano Hayes 58, cuja cronologia é concordante com a fase tardia da olaria, do início do século IV a momento posterior ao primeiro quartel do século V (Fase 2). Há, contudo, na fase anterior, do segundo quartel a finais do século III (Fase 1), uma presença significativa deste tipo de prato, algo que poderá estar relacionado com a forma Hayes 32.

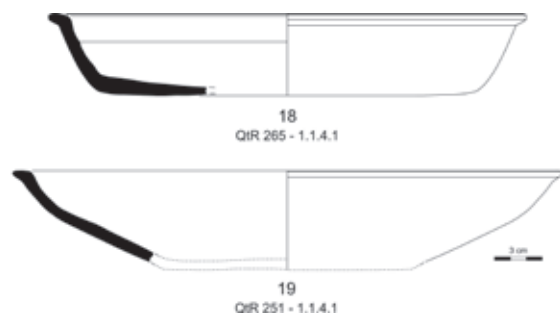


Figura 21 – Pratos da forma 1.1.4.1 / Hayes 32-58.

A decoração de peças não é muito frequente na olaria romana da Quinta do Rouxinol. Contudo, as que aparecem são muito interessantes e intrigantes. Exemplo disso é a decoração que surge na parte interna de um fundo de prato **n.º 20 (Fig. 22)**. Trata-se de um duplo “guilhocé” aplicado em direcções opostas e com palmeta central (Viegas, 2003, p. 188), correspondendo, também, às linhas enquadadas em sulcos concêntricos que procuram imitar o “*double rouletted band*” das cerâmicas africanas – segundo Hayes (1972, p. 282), utilizado sobretudo no final do século IV e no início do século V, cronologia que é harmoniosamente coincidente com a datação do contexto (Subfase 2.4 – UE 1) onde se recolheram os fragmentos que compõem esta peça, que datará do primeiro quartel do século V.

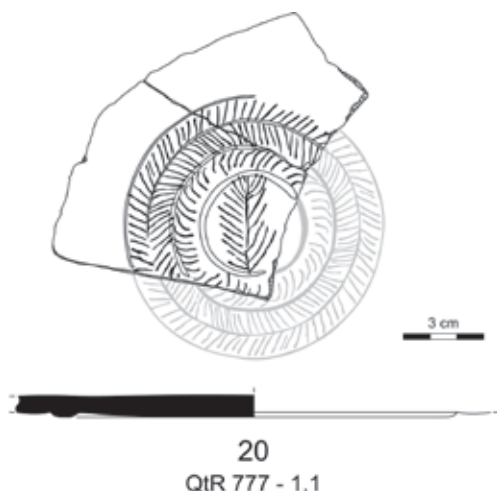


Figura 22 – Fundo de prato em cerâmica comum, decorado na face interna.

#### 4.2.2. Tigelas

Do conjunto das tigelas, seleccionaram-se seis tipos que, à partida, parecem evidenciar clara inspiração em modelos exógenos: *terra sigillata* africana, tipos Hayes 3C, 14B, 44, 67A, 73 (Fig. 30).

A tipologia de tigela 1.3.2.2 / Hayes 14 (Fig. 24) é a mais abundante na olaria, representando um quarto da totalidade. É igualmente o tipo com cronologias tendencialmente mais antigas, com forte expressão entre a segunda metade do século III e a primeira do século IV, revelando continuidade na morfologia da Hayes 14B. Também é a forma onde está melhor representado o acabamento de superfície com aguada e polimento, naturalmente devido à intenção de a aproximar ao modelo norte-africano.

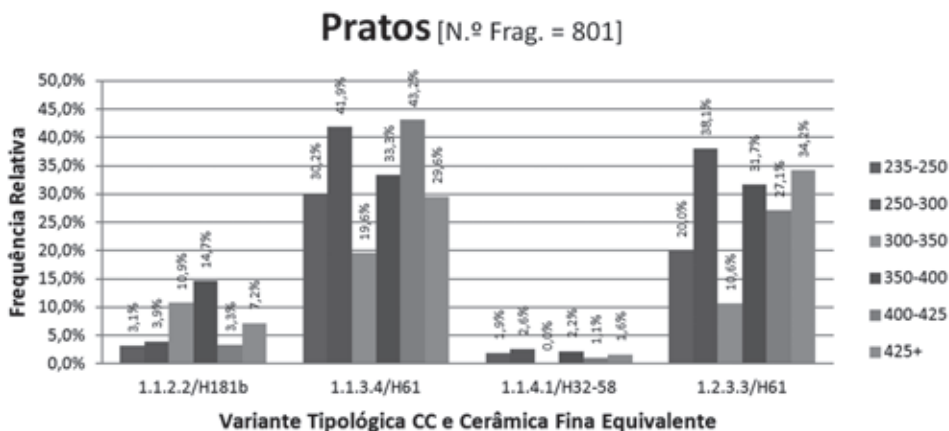


Figura 23 – Gráfico da frequência relativa dos pratos por cronologia.

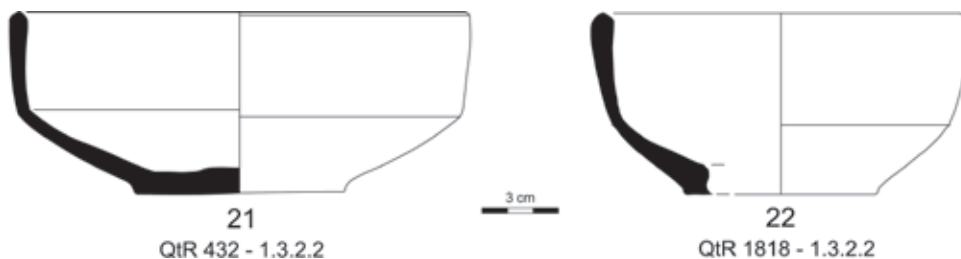


Figura 24 – Tigelas da forma 1.3.2.2 / Hayes 14.

A tigela 1.3.4.5 / Hayes 3B (Fig. 25) apresenta algumas variações na aba, por vezes curta, recta ou ligeiramente pendente. Porém, julgamos serem derivações da *terra sigillata* norte-africana Hayes 3B, reafirmando uma vez mais a continuidade da morfologia na cerâmica de âmbito local e mantendo alguma regularidade quantitativa nas diversas fases da vida da olaria da Quinta do Rouxinol. É igualmente importante referir a forte presença de peças com acabamentos de superfície (aguada, polimento e engobe).

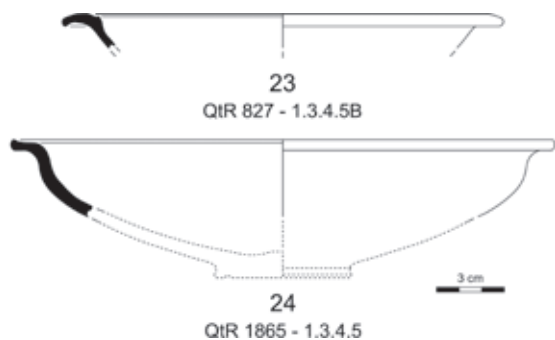


Figura 25 – Tigelas da forma 1.3.4.5 / Hayes 3B.

As tigelas do tipo 1.3.4.6 (Fig. 26) são, provavelmente, as peças mais intrigantes da olaria no que tem a ver com o seu enquadramento cronológico. Trata-se de uma forma cujas características morfológicas e decorativas remetem para a *sigillata* foecen-

se tardia Hayes 3, de meados do século V a meados do século VI. No entanto, as peças produzidas na Quinta do Rouxinol surgem em unidades estratigráficas mais antigas e com uma forte preponderância na segunda metade do século III (Fig. 30). Podemos assim interpretar este facto como uma coincidência ou uma originalidade desta olaria? Temos alguma dificuldade em admitir isso de forma categórica. Parece-nos mais provável ser um modelo inspirado na forma Drag. 24/25 da *sigillata* hispânica, que terá sido produzida até próximo dos finais do século II, encaixando de forma mais lógica na cronologia desta olaria, podendo ser assim uma continuação/adaptação tardia de uma ideia alto-imperial.

O esquema decorativo é genericamente composto por um guilhoché ou ziguezague inciso na falange do bordo. Num dos fundos, que conseguimos atribuir à forma devido ao característico engobe branco, encontra-se representada uma *rouletted band* incisa em torno de uma palmeta (Fig. 30). Tal como o fundo de prato n.º 20 (fig. 22), esta peça foi recolhida na Subfase 2.4 / UE 1, cuja cronologia coincide com a datação proposta por Hayes (1972, p. 220) para este estilo decorativo.

Outro exemplar interessante é o n.º 29 (fig. 26), uma peça sobrecozida intencionalmente e com pintura a branco que contrasta com o fundo cinzento-escuro.

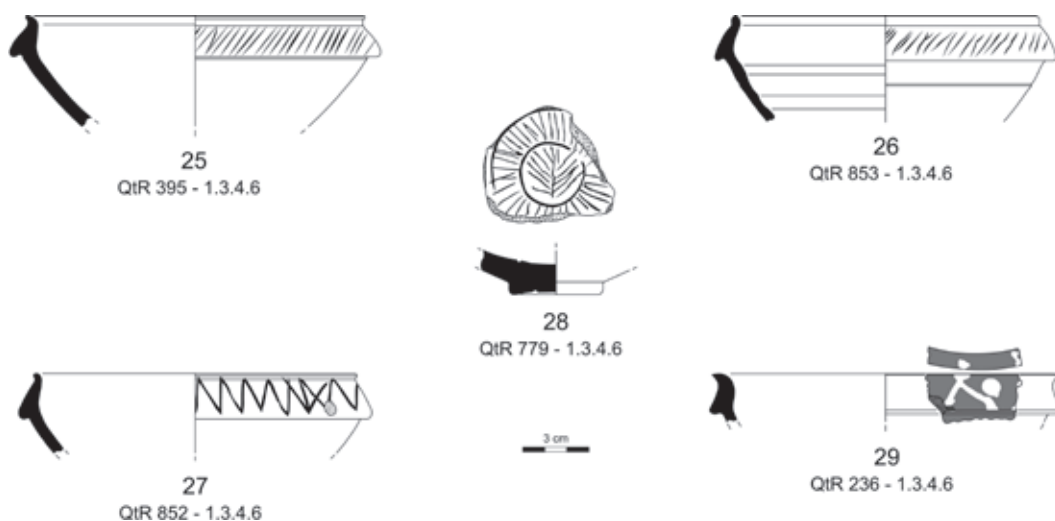


Figura 26 – Tigelas da forma 1.3.4.6.

A forma 1.3.4.8 subdivide-se em dois tipos de tigelas: as que são afins à Hayes 44 (Fig. 27, n.º 30) e as que apresentam maior proximidade com a Hayes 73 (Fig. 27, n.º 31). É interessante observar esta subdivisão, pois ela reflecte-se na crono-estratigrafia

de forma muito coerente. As peças afins à Hayes 44 encontram-se confinadas à primeira subfase da olaria, Subfase 1.1, situada entre 235 e 300, enquanto as do tipo Hayes 73 surgem na subfase final, 2.4, datada a partir do segundo quartel do século V.

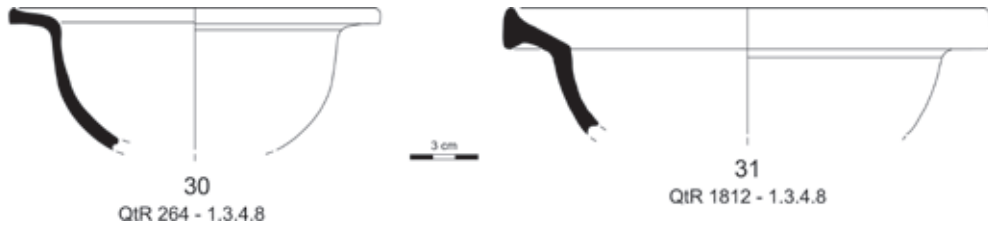


Figura 27 – Tigelas da forma 1.3.4.8 / Hayes 44-73.

Absolutamente consensual quanto à sua fonte de inspiração é a tigela do tipo 1.3.4.9 (Fig. 28), que reproduz a *terra sigillata* norte-africana Hayes 67 e apresenta cronologias absolutamente coerentes – da segunda metade do século IV ao segundo quartel do século V –, à excepção de um fragmento recolhido na Subfase 1.2 / UE 12, datada da segun-

da metade do século III. Nos termos da tipologia da cerâmica comum local, a peça enquadra-se neste grupo. Porém, nada tem a ver com o bordo escalonado característico da Hayes 67. Considera-se assim como sendo um *outlier* (ver *supra* discussão deste perfil no capítulo relativo às cerâmicas datantes da fase 425+).

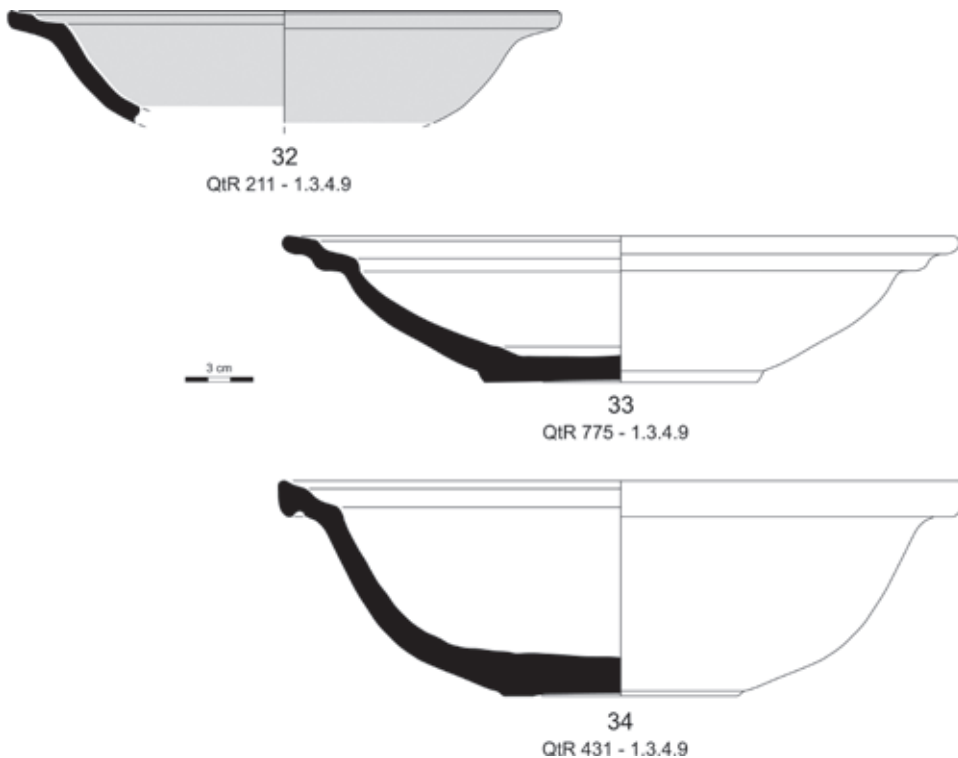


Figura 28 – Tigelas da forma 1.3.4.9 / Hayes 67.

Tanto nas tigelas (Fig. 29, n.ºs 35-36) como nos pratos, a palmeta incisa protagoniza o elenco dos motivos decorativos da olaria. Geralmente apresenta-se isolada e inclusa em círculos concêntricos, seguindo, grosso modo, os estilos decorativos da *sigillata* norte-africana que Hayes classifica como estilo A(ii), com datação proposta entre 350 e 420 (Hayes, 1972, p. 218-219). Para além destas representações mais ou menos canónicas, existe um fundo de cerâmica comum (Fig. 29, n.º 37) cuja decoração evidencia características locais na sua composição: quatro palmetas em disposição radial, com a particularidade

de estarem orientadas no sentido do exterior para o interior, rodeadas por uma banda de ziguezagues e dois círculos concêntricos. Trata-se de uma fusão entre as temáticas locais e o estilo A da *terra sigillata* africana D (Hayes, 1972, p. 218; Quaresma, no prelo).

Estes temas decorativos da cerâmica comum são bons elementos datantes pois, segundo o que pode observar-se na cerâmica produzida na olaria da Quinta do Rouxinol, apresentam uma forte coerência cronológica com os modelos da *sigillata* norte-africana, surgindo apenas em contextos datados a partir da primeira metade do século IV.

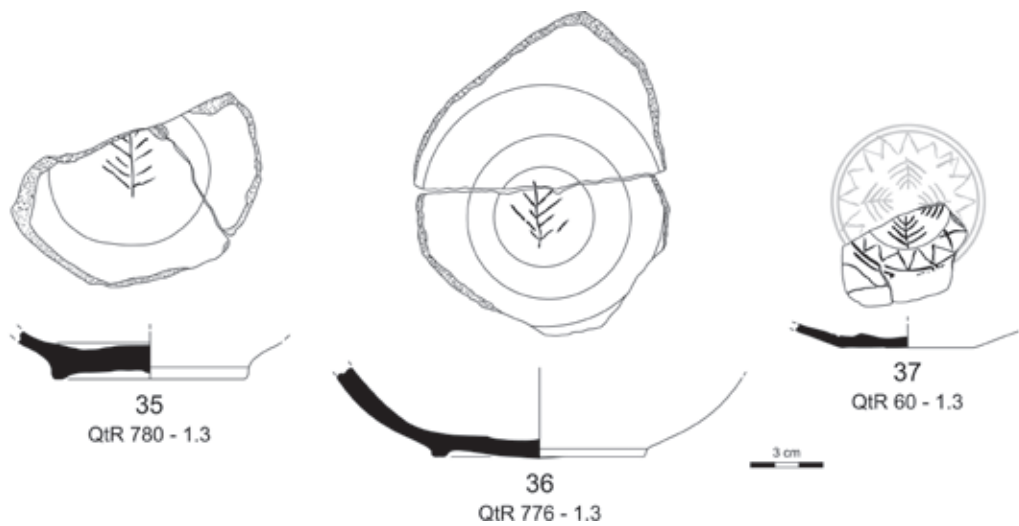


Figura 29 – Fundos de tigela em cerâmica comum, decorados na face interna.

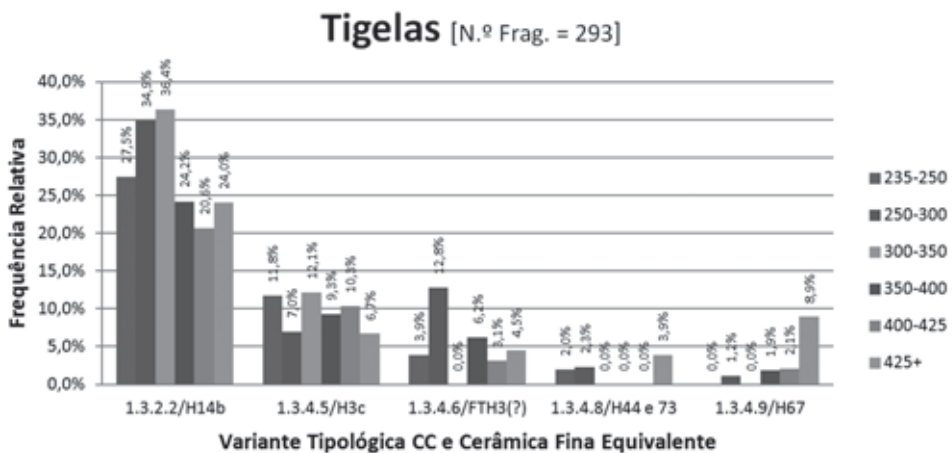


Figura 30 – Gráfico da frequência relativa das tigelas por cronologia.

### 4.3. Ânforas

No que respeita às ânforas, a olaria da Quinta do Rouxinol centrou a sua actividade principal em peças das formas Almagro 50 / Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9. Na presente fase de investigação, a análise de 4726 fragmentos cerâmicos destas formas

(3548 bordos e 1178 fundos) permitiu contabilizar um Número Mínimo de Indivíduos (NMI) superior a sete centenas, qualquer que seja a zona da peça considerada: 753 a partir dos bordos; 713 com base nos fundos.

| Formas               | Bordos      |            |            | Fundos      |            |            |
|----------------------|-------------|------------|------------|-------------|------------|------------|
|                      | Frag.       | NMI Prod.  | % NMI Prod | Frag.       | NMI Prod.  | % NMI Prod |
| Almagro 50 / Keay 16 | 1194        | 259        | 34,4       | 301         | 197        | 27,6       |
| Almagro 51c          | 2139        | 414        | 55,0       | 687         | 472        | 66,2       |
| Lusitana 9           | 215         | 80         | 10,6       | 190         | 44         | 6,2        |
| <b>Total</b>         | <b>3548</b> | <b>753</b> | <b>100</b> | <b>1178</b> | <b>713</b> | <b>100</b> |

Figura 31 – Produções anfóricas da olaria da Quinta do Rouxinol, incluindo o número de fragmentos de bordos e de fundos das formas Almagro 50 / Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9 tratados na presente fase de estudo, com quantificação do Número Mínimo de Indivíduos identificado e da sua representatividade percentual.

É claro o predomínio da forma Almagro 51c, que terá constituído a principal produção do sítio. A sua representatividade na amostra em estudo varia entre os 55,0 e os 66,2 %, conforme tenhamos presentes os dados dos bordos ou dos fundos. A Almagro 50 /

Keay 16 representa cerca de um terço a um quarto dos mesmos subconjuntos (34,4 e 27,6 %, respectivamente), enquanto a Lusitana 9 tem muito menor expressão, oscilando entre 10,6 % nos bordos e 6,2 % nos fundos.

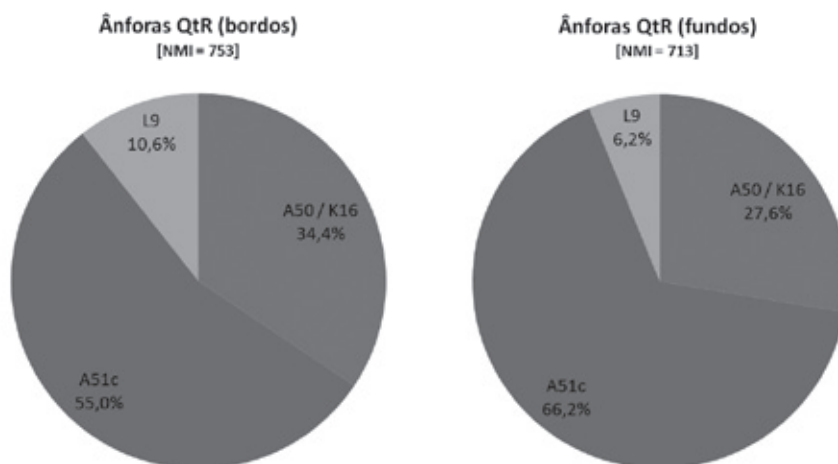


Figura 32 – Gráficos de distribuição do Número Mínimo de Indivíduos identificado na olaria da Quinta do Rouxinol, considerando os bordos (à esquerda) e os fundos (à direita) e as produções anfóricas em presença: Almagro 50 / Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9.

Esta proporção mantém-se quando o universo é reduzido aos indivíduos com contexto estratigráfico bem definido, isto é, descartando os exemplares de

zonas de remeximento ou cronologia indeterminada. O NMI passível de estudo passa a 699 e 664, para os bordos ou os fundos, respectivamente.

| Formas                  | Bordos    |              |            |              |            |              | Fundos    |              |            |              |            |              |
|-------------------------|-----------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|-----------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|
|                         | Fase 1    |              | Fase 2     |              | Subtotal   |              | Fase 1    |              | Fase 2     |              | Subtotal   |              |
|                         | NMI       | % NMI        | NMI        | % NMI        | NMI        | % NMI        | NMI       | % NMI        | NMI        | % NMI        | NMI        | % NMI        |
| Almagro 50 /<br>Keay 16 | 11        | 27,5         | 221        | 33,5         | 232        | 33,2         | 12        | 30,8         | 174        | 27,8         | 186        | 28,0         |
| Almagro 51c             | 27        | 67,5         | 363        | 55,1         | 390        | 55,8         | 25        | 64,1         | 412        | 65,9         | 437        | 65,8         |
| Lusitana 9              | 2         | 5,0          | 75         | 11,4         | 77         | 11,0         | 2         | 5,1          | 39         | 6,2          | 41         | 6,2          |
| <b>Subtotais</b>        | <b>40</b> | <b>100,0</b> | <b>659</b> | <b>100,0</b> | <b>699</b> | <b>100,0</b> | <b>39</b> | <b>100,0</b> | <b>625</b> | <b>100,0</b> | <b>664</b> | <b>100,0</b> |

Figura 33 – Número Mínimo de Indivíduos das formas Almagro 50 / Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9 tratados na presente fase de estudo, com valores absolutos e percentuais relativos às duas grandes fases de ocupação do sítio: Fase 1 – 2.º quartel a finais do século III; Fase 2 – Início do século IV a momento posterior ao 1.º quartel do século V.

Se exceptuarmos a intrusão de dois indivíduos identificados pelo bordo e de outros dois pelo fundo, a forma Lusitana 9 é associável à segunda fase ocupação do sítio. Ao nível da distribuição percentual dos bordos, é visível que adquire então razoável representatividade na produção global da olaria (11,4 %), assinalada igualmente nos fundos mas em menor escala (6,2 %). Atendendo ainda aos bordos, a presença relativa da forma Almagro 50 / Keay 16

também aumenta ligeiramente na segunda fase (de 27,5 para 33,5 %), tendo por consequência a diminuição proporcional da Almagro 51c (de 67,5 para 55,1 %) que, ainda assim, representa mais de metade da amostra.

Nos fundos, o predomínio da Almagro 51c mantém-se e mostra até um ligeiro aumento (de 64,1 para 65,9 %), por contraponto com pequeno decréscimo da Almagro 50 / Keay 16 (de 30,8 para 27,8 %).

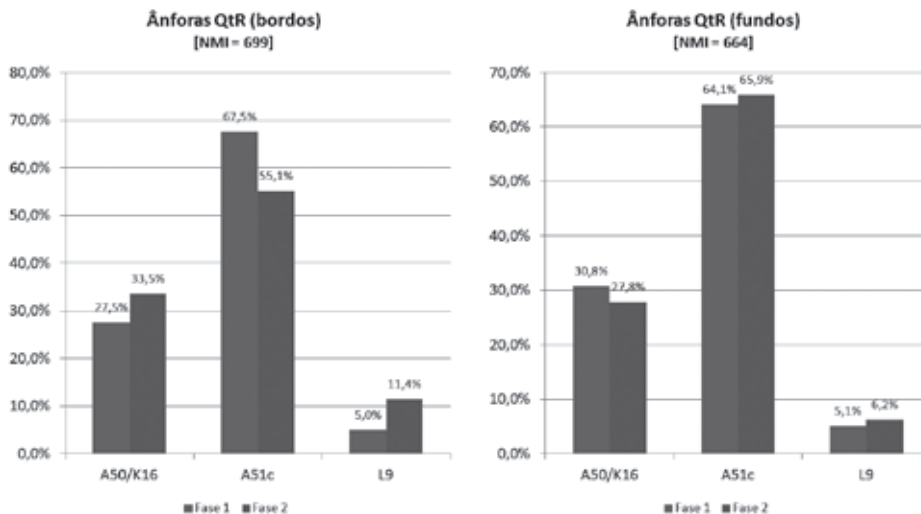


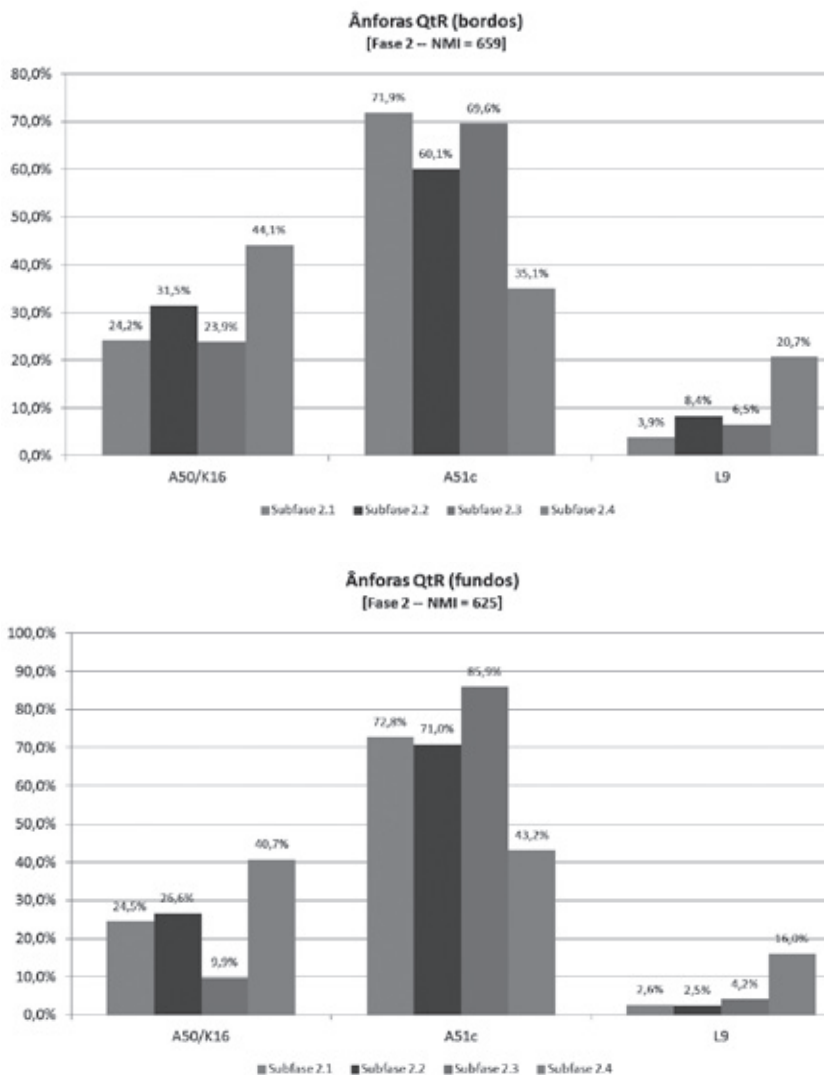
Figura 34 – Distribuição percentual do Número Mínimo de Indivíduos das formas Almagro 50 / Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9 tratados na presente fase de estudo, considerando as duas grandes fases de ocupação do sítio.

Para compreensão das transformações ocorridas na fase final de laboração da olaria, vale a pena detalhar a análise da UE 1 (subfase 2.4), datável de momento posterior ao primeiro quartel do século V e uma das mais bem representadas no universo considerado: 222 dos 699 bordos (31,8 %) e 162 dos

664 fundos (24,4 %). Aqui se concentra a maioria das ocorrências da Lusitana 9 (59,7 % dos bordos e 63,4 % dos fundos desta forma foram recolhidos na UE 1), fazendo com que corresponda a 20,7 % da totalidade dos bordos e 16,0 % dos fundos provenientes desta unidade estratigráfica. Este aumento

proporcional da Lusitana 9 é acompanhado de uma subida também relevante da Almagro 50 / Keay 16, que atinge 44,1 % nos bordos e 40,7 % nos fundos.

Consequentemente, a Almagro 51c, que dominara com valores acima dos 70 %, cai abruptamente na UE 1 para 35,1 % nos bordos e de 43,2 % nos fundos.



Figuras 35 e 36 – Distribuição percentual do Número Mínimo de Indivíduos das formas Almagro 50 / Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9 tratados na presente fase de estudo, considerando o NMI de bordos e de fundos na segunda e última fase crono-estratigráfica do sítio – Fase 2, individualizando as subfases 2.1 (300-350), 2.2 (350-400), 2.3 (400-425) e 2.4 (425+).

Na presente fase de estudo dos materiais anfóricos, parece poder concluir-se que, nas primeiras décadas do século V, a produção da olaria da Quinta do Rouxinol se terá transferido parcialmente da forma Almagro 51c para a forma Almagro 50 / Keay 16 e, principalmente, para a forma Lusitana 9. Atendendo a que as duas primeiras estão associa-

das ao envase de preparados piscícolas e, por outro lado, as evidências conhecidas apontam para que a Lusitana 9 tenha servido o transporte de vinho, esta alteração produtiva integrar-se-á nas transformações então ocorridas na economia local da região estuarina do Tejo e nos circuitos comerciais de média e longa escala.

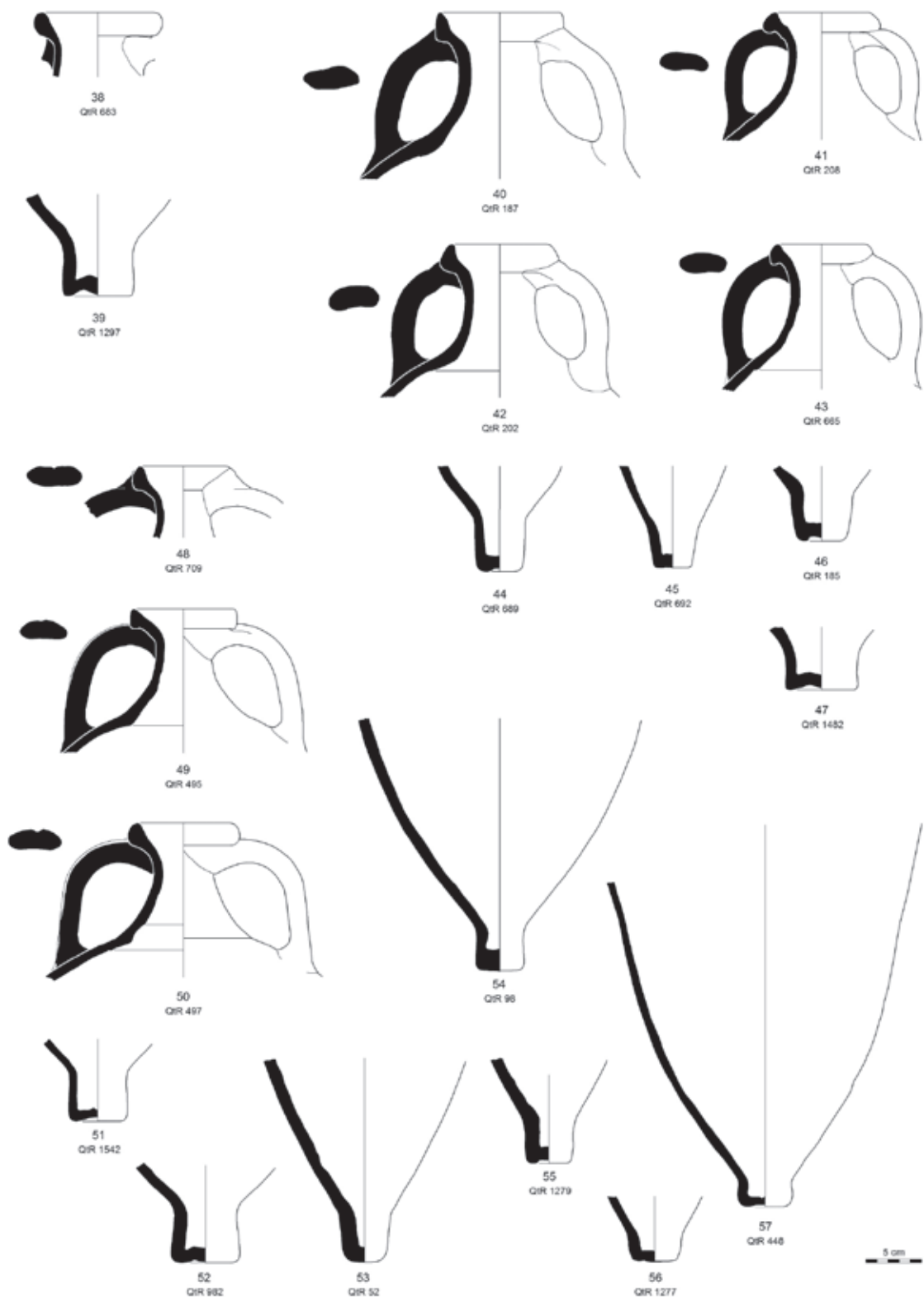


Figura 37 – Ânforas da forma Almagro 51c associadas às diferentes subfases crono-estratigráficas da olaria da Quinta do Rouxinol: - nºs 38-39, subfase 1.1 (235-250); nºs 40-47, subfase 1.2 (250-300); nºs 48-57, subfase 2.1 (300-350).

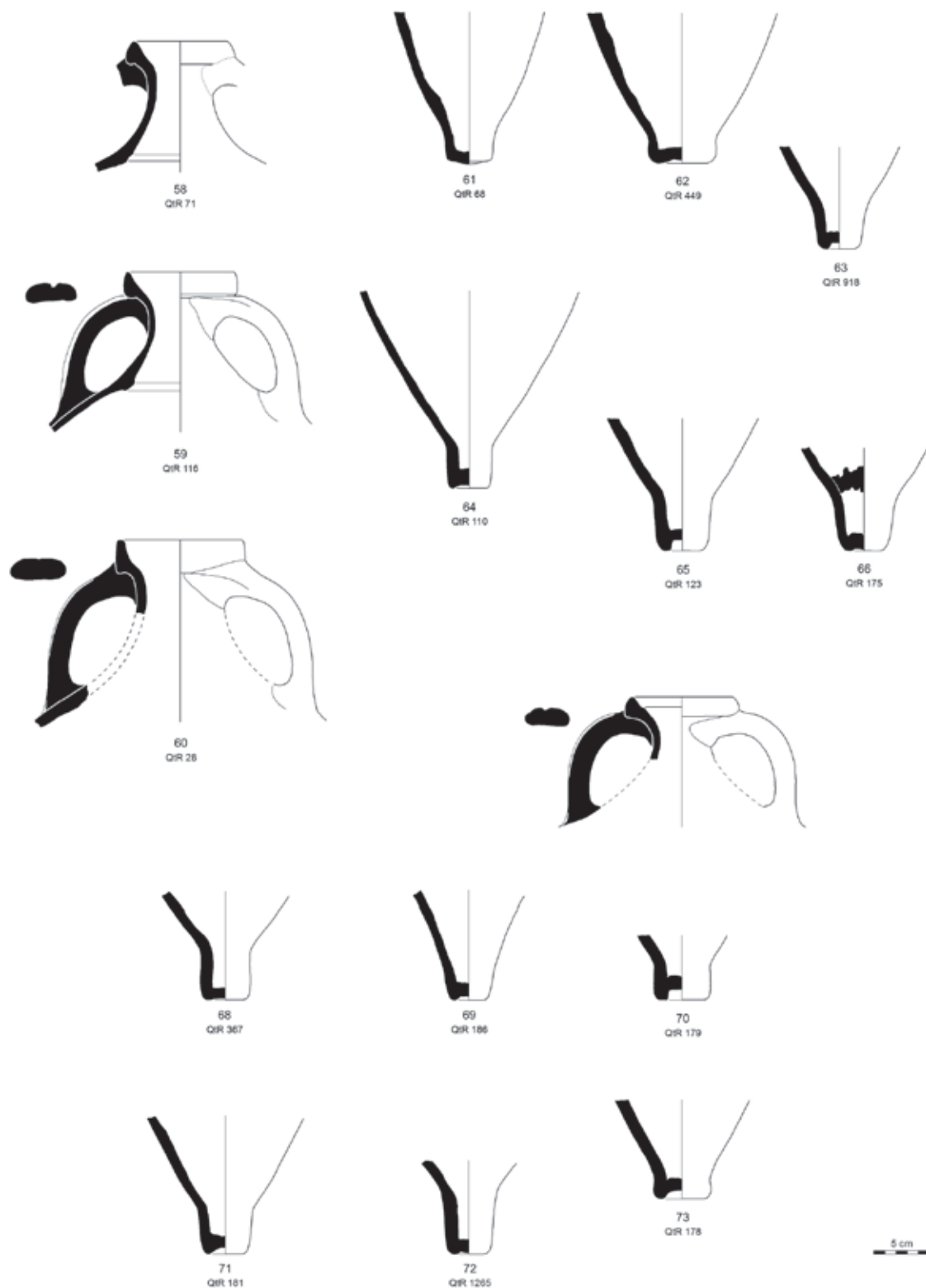


Figura 38 – Ânforas da forma Almagro 51c associadas às diferentes subfases crono-estratigráficas da olaria da Quinta do Rouxinol: – nºs 58-66, subfase 2.2 (350-400); nºs 67-73, subfase 2.3 (400-425).

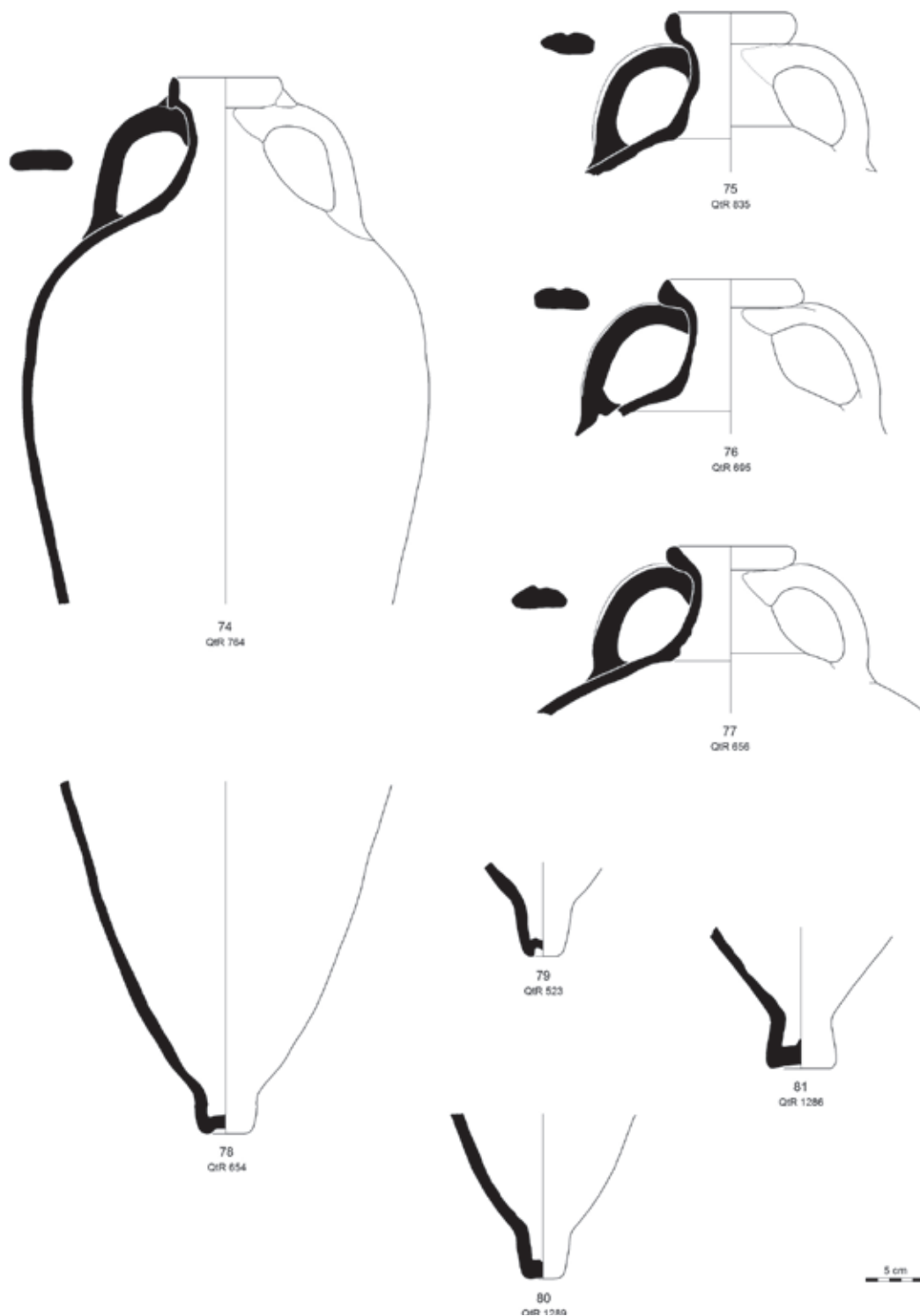


Figura 39 – Ânforas da forma Almagro 51c associadas às diferentes subfases crono-estratigráficas da olaria da Quinta do Rouxinol: – nos 74-81, subfase 2.4 (425+).

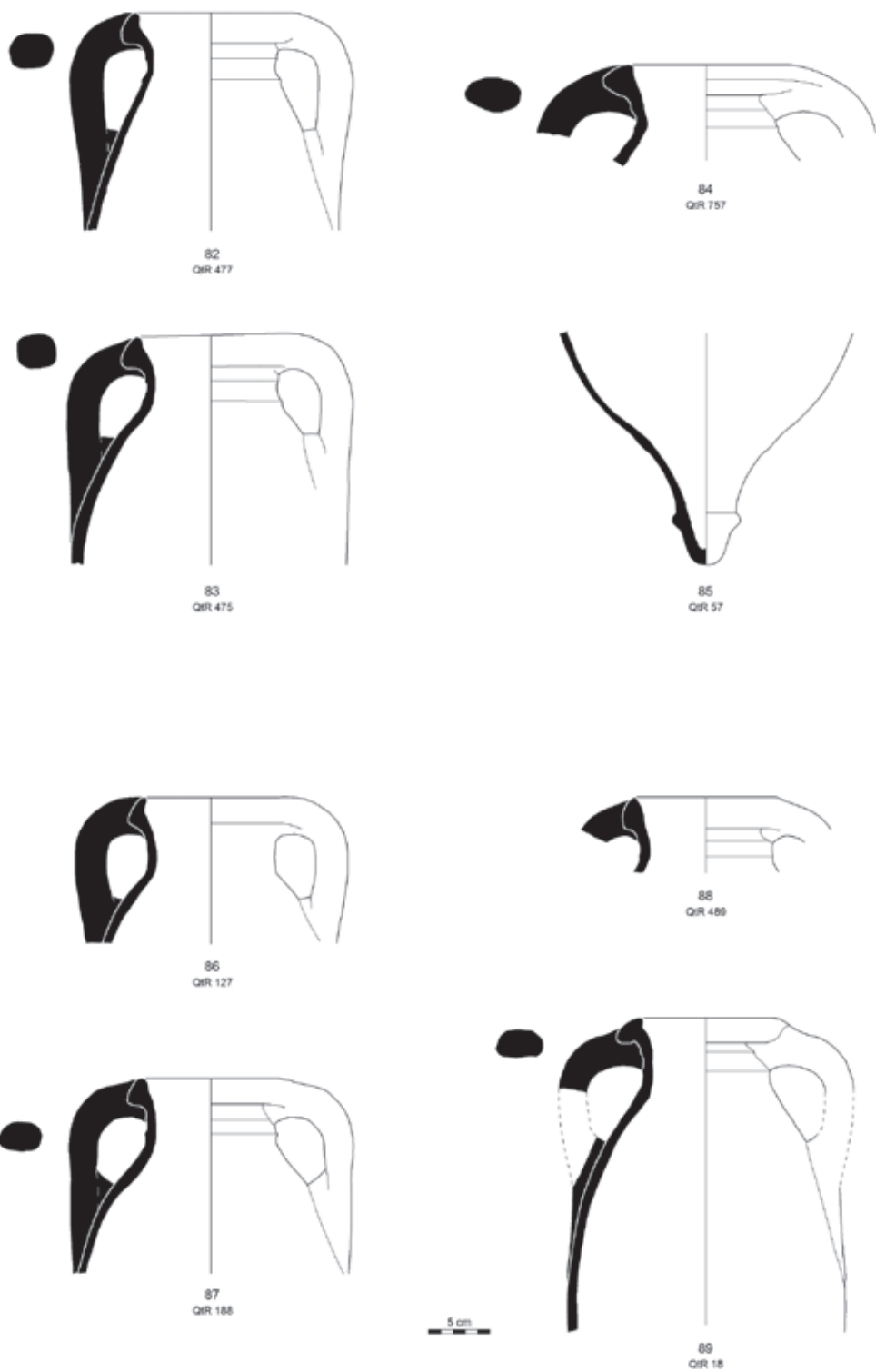


Figura 40 – Ânforas da forma Almagro 50 / Key 16 associadas às diferentes subfases crono-estratigráficas da olaria da Quinta do Rouxinol: – n<sup>os</sup> 82-85, subfase 2.1 (300-350); n<sup>os</sup> 86-89, subfase 2.2 (350-400).

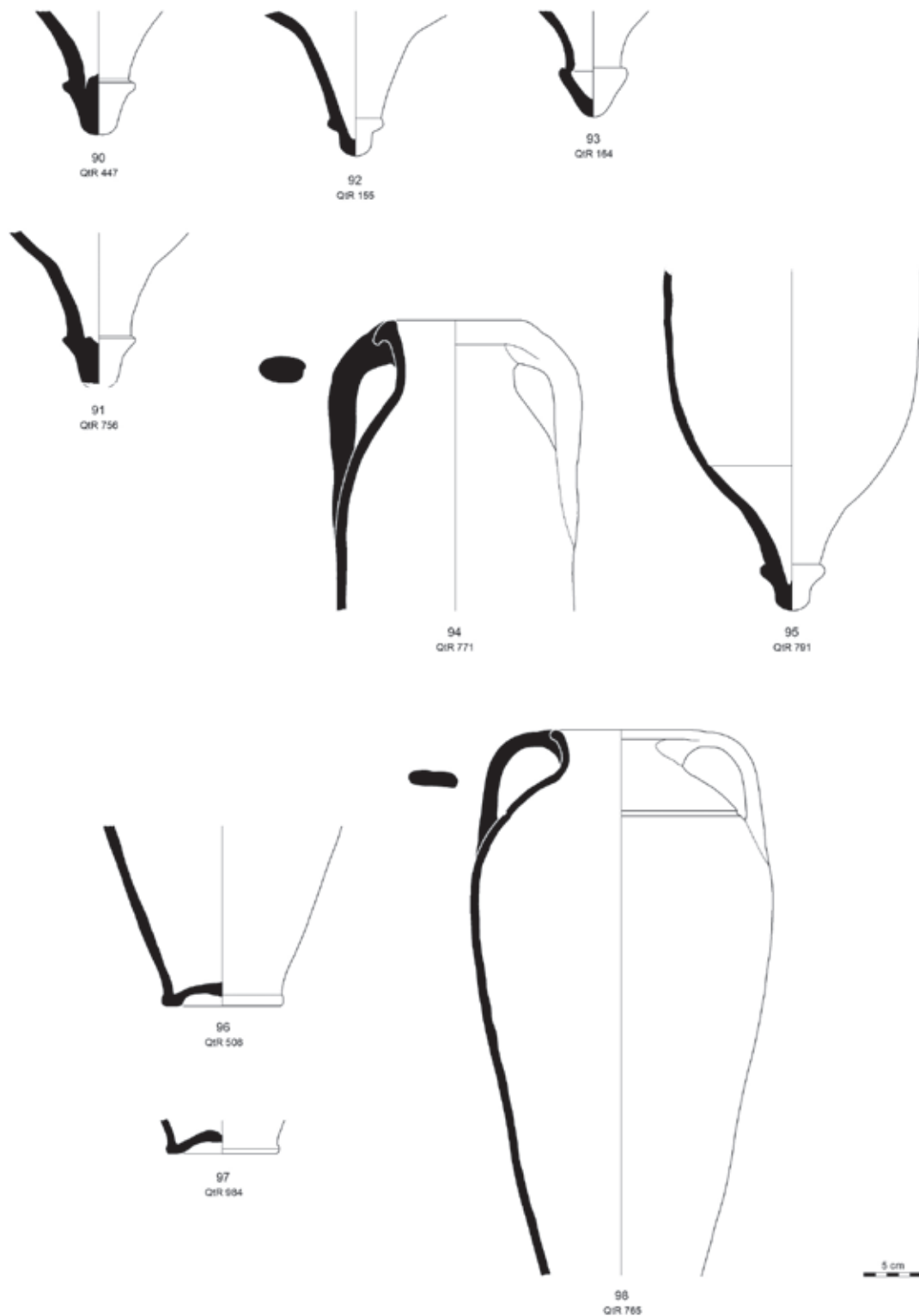


Figura 41 – Ânforas das formas Almagro 50 / Keay 16 e Lusitana 9 associadas às diferentes subfases crono-estratigráficas da olaria da Quinta do Rouxinol: – nºs 90-93, A50 / K16, subfase 2.2 (350-400); nºs 94-95, A50 / K16, subfase 2.4 (425+); nº 96, L9, subfase 2.1 (300-350); nº 97, L9, subfase 2.2 (350-400); nº 98, L9, subfase 2.4 (425+).

## 5. NOTAS FINAIS

Os estudos recentes ou em curso sobre a olaria da Quinta do Rouxinol evidenciam a importância da adoção de uma metodologia de intervenção operativa e rigorosa, traduzida num registo de campo diversificado e exaustivo. A base documental, coligida entre 1986 e 1991 e enriquecida posteriormente, continua a permitir novas abordagens qualitativas e quantitativas à olaria, às suas produções cerâmicas e aos materiais exógenos, enquadrando-as no contexto da sociedade e da economia romanas, numa escala que ultrapassa claramente a da região estuarina do Tejo. Esses resultados evidenciam a importância e as potencialidades da análise estratigráfica fina dos centros produtores de cerâmica e do estudo detalhado dos materiais datantes, com interacção de várias linhas de investigação que se revelam fundamentais para a caracterização e atribuição cronológica das produções locais de ânforas e de cerâmica comum e de construção, entre outras.

Em linhas breves, diríamos que esta estratigrafia indicia, ao nível da *terra sigillata* africana, a continuidade da produção A na segunda metade do século III, quando ainda aparenta ser maioritária relativamente à congénere da Byzacena (africana C). Esta última é hegemónica ao longo do século IV, dando-se o aparecimento da africana D apenas na segunda metade desta centúria, mas numa posição secundária. A *terra sigillata* africana D conquista a hegemonia do mercado apenas no primeiro quartel do século V, mas a viragem para o segundo quartel é marcada por uma produção intensa de cerâmicas de imitação de engobe vermelho não vitrificável. Esta produção remonta ao século III, mas nesta época parece substituir a *terra sigillata* africana D, cuja ausência é assim suprida por uma tipologia de imitação local/regional. A quantidade apreciável constatada na Quinta do Rouxinol permite-nos questionar um eventual prolongamento da cronologia final do sítio, já que esta tipologia, na produção bracarense, surge em grandes quantidades em Vigo nas décadas centrais do século V (Fernández Fernández, 2014). Porém, a ausência de motivos como os cres-

centes e o respectivo estilo A(iii) de Hayes (1972), apela à prudência na atribuição cronológica da última fase do ateliê, que poderá não se afastar em muitas décadas do início do segundo quartel do século V. Segundo Juan Tovar (2012), iniciar-se-á também neste segundo quartel do século V a produção de cerâmicas de imitação de *sigillata* na Península Ibérica central/setentrional, mas na Quinta do Rouxinol os primeiros indícios dessa prática recuam à segunda metade do século IV.

Quanto à cerâmica comum, é evidente uma forte componente de influência norte-africana – não apenas no conjunto aqui abordado, mas, de uma forma geral, na maior parte das formas identificadas na olaria, envolvendo desde a morfologia aos detalhes decorativos e técnicos. Podemos admitir que o elenco morfológico na produção oleira de cerâmica comum da Quinta do Rouxinol tende a acompanhar as tendências da época.

Genericamente, observa-se uma grande coerência cronológica entre as formas que reproduzem modelos africanos e o seu contexto estratigráfico. Contudo, há alguns casos particulares, como a forte presença do prato 1.1.2.2 em fases muito tardias da olaria, ou da tigela 1.3.4.6, que parece recordar, na morfologia e na decoração, as formas gráceis da *terra sigillata* foceense tardia Hayes 3, de finais do século V a meados do século VI, mas cuja presença no Rouxinol ocorre em contextos mais antigos, a partir da segunda metade do século III, o que torna categoricamente inviável qualquer inspiração da produção local na tipologia fina mediterrânica oriental, possivelmente até posterior ao final de vida do próprio ateliê da Quinta do Rouxinol.

No que respeita às ânforas do mesmo ateliê, o universo das produções locais mostra uma grande coerência quando analisado a partir dos fragmentos de bordo ou de fundo exumados no sítio. A forma Almagro 51c é largamente maioritária em todos os momentos produtivos (com percentagens de 60 a mais de 80 % do NMI contabilizado), com excepção do mais tardio, a subfase 2.4, iniciada com o segundo quartel do século V. Aí evidencia-se um aumento proporcional da forma Almagro 50 / Keay 16 (que

supera os 40 %) e adquire expressão relevante a forma Lusitana 9 (cerca de 20 %). Se as duas primeiras formas (Almagro 51c e Almagro 50 / Keay 16) estão presentes em todo o registo crono-estratigráfico do sítio, apontando para uma produção que abrangerá o período 235-425+, o fabrico de Lusitana 9 é claramente associável ao século V. Com o início dessa centúria, parte da produção do Rouxinol parece ter-se transferido dos contentores destinados ao envase de preparados de peixe (A51c e A50/K16) para os que serviram o transporte de vinho (L9). É uma linha de investigação a desenvolver e a integrar no estudo mais geral das transformações sociais, culturais e económicas que marcaram o período tardo-romano.

## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1981) - *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. I (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Medio e Tardo Impero). Roma.
- AGUAROD OTAL, C. (1991) – *Cerâmica romana importada de cocina en Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- AMARO, C. (1990) – Ocupação Romana da Margem Sul do Estuário do Tejo: um (des)alinhamento de ideias. In ALARCÃO, A. e MAYET, F. (eds.). – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio / Les Amphores Lusitaniennes: typologie, production, commerce*. Coimbra / Paris: Museu Monográfico de Conimbriga / Diff. E. de Boccard, p. 71-85.
- ANSELMINO, L. et al. (1986) – *Ostia. Terme del nuotatore*. In GIARDINA, A. – *Socità romana e impero tardoantico. Le merci. Gli insediamenti*. Editori Laterza, pp. 45-81.
- BONIFAY, M. (2004) – Études sur la céramiques romaine tardive d'Afrique. Oxford (*British Archaeological Reports. International Series*, 1301).
- BONIFAY, M.; CARRE, M.-B. e RIGOIR, Y. (dir.) (1998) – *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (Ier-VIle siècles ap. J.-C.)*. Paris: Errance / Lattes: A.D.A.M. (*Travaux du Centre Camille-Julian*, 22 / Études Massaliètes, 5).
- CABRAL, J. M. P.; FONSECA, S. M. e GOUVEIA, M. A. (2002) – Caracterização Química das Produções de Ânforas do Vale do Tejo. III – Quinta do Rouxinol (continuação). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 5 (2), p. 325-338. Em linha: [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/5\\_2/12.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/5_2/12.pdf).
- CABRAL, J. M. P.; GOUVEIA, M. A. e MORGADO, I. (1993-1994) – Caracterização Química das Produções de Ânforas do Vale do Tejo. II – Quinta do Rouxinol. *Conimbriga*. 32-33, p. 191-200.
- DENEAUVE, J. (1972) – Céramiques et lampes africaines sur la cote de Provence. *Antiquités Africaines*. 6, p. 219-40.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I. e ROCHA, F. (2003) – Amphorae Production at Occidental Lusitania: identification of raw material and production. In PÉREZ-RODRÍGUEZ, J. L. (ed.). *Applied Study of Cultural Heritage and Clays*. Madrid: CSIC, p. 187-200.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; GOUVEIA, M. Â.; TRINDADE, M. J.; MARQUES, R.; FRANCO, D.; RAPOSO, J.; FABIÃO, C. e GUERRA, A. (2010) – Chemical Tracers of Lusitanian Amphorae Kilns from the Tagus Estuary (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 37, p. 784-798. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposos>.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; RAPOSO, J.; GOUVEIA, Â.; FABIÃO, C.; GUERRA, A.; BUGALHÃO, J.; DUARTE, A. L. e SABROSA, A. (2001) – Caracterização Química por AAN das formas de ânfora de um centro de produção do estuário do Tejo: Quinta do Rouxinol (Portugal). In *Actas do IV Congreso Nacional de Arqueometría*. Valência, p. 88-93. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposos>.
- DIAS, M. I.; TRINDADE, M. J.; FABIÃO, C.; SABROSA, A.; BUGALHÃO, J.; RAPOSO, J.; GUERRA, A.; DUARTE, A. L. e PRUDÊNCIO, M. I. (2012) – Arqueometria e o Estudo das Ânforas Lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Lisboa) e de Centros Produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 19, p. 57-70. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposos>.
- DUARTE, A. L. (1990) – Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no vale do Tejo. In ALARCÃO, A. e MAYET, F. (eds.). *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio / Les Amphores Lusitaniennes: typologie, production, commerce*. Coimbra / Paris: Museu Monográfico de Conimbriga / Diff. E. de Boccard, p. 97-115. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposos>.
- DUARTE, A. L. e RAPOSO, J. (1996) – Elementos para a Caracterização das Produções Anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal). In FILIPE, G. e RAPOSO, J. (eds.). *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, p. 237-247. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposos>.
- EVANS, M. (no prelo) – An archaeomagnetic investigation of ancient kilns in Portugal. *Geophysic Journal International*.
- FABIÃO, C. (2004) – Centro Oleiros da Lusitania: balanço dos conhecimentos e perspectivas da investigação. In *Actas del Congreso Intenacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. Oxford, pp 379-410 (*British Archaeological Reports. Inter-*

*national Series*, 1266). Em linha: <https://lisboa.academia.edu/CarlosFabião>.

FABIÃO, C.; RAPOSO, J.; GUERRA, A. e SILVA, F. (eds.) (no prelo) – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss.IV-VII) en el Noroeste peninsular através del registro arqueológico de la Ría de Vigo*. Archaeopress (RLAMP; 5).

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. e MORAIS, R. (2012) – *Terra sigillata Bracarense Tardía (TSBT)*. O Grupo II das Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável (Delgado 1993-94). O Cerâmicas de Engobe Vermelho. Grupo II (Delgado y Morais, 2009). In BERNAL CASASOLA, D. Y RIBERA I LACOMBA, A. (eds.). *Cerâmicas hispanorromanas II: Producciones regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p.131-176 (*Monografías. Historia y Arte*).

FILIFE, G. e RAPOSO, J. (eds.) (1996) – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras jornadas sobre a romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote.

FULFORD, M. G. e PEACOCK, D. P. S. (eds.) (1984) – *Excavations at Carthage: the british mission*. The British Academy, 1, 2 (The Avenue President Habib Bourguiba, Salammbou. The pottery and other ceramic objects from the site).

HAYES, J. W. (1972) – *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.

HURTADO, T. ET AL. (2008) – Un nivel de destrucción del siglo V en el *Portus Sucronem* (Cullera, Valencia). Contexto material. *Cuadernos de Prehistoria de Arqueologia Castellana*. 26, p. 95-141.

JUAN TOVAR, L. C. (2012) – Las cerâmicas imitación de *sigillata* (CIS) en la Meseta norte durante el siglo V. Nuevos testimonios y precisiones cronológicas. In *Durii regione romanitas. Homenaje a Javier CortesPalencia/Santander 2012*, p. 365-372.

MACKENSEN, M. (1993) – *Die spätantiken Sigillata – und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien)*. Studien zur Nordafrikanischen Feinkeramik des 4. bis 7. Jahrhunderts (mit einem Beitrag von Sebastien Storz). 2 vol. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (*Müncher Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte*, 50).

ORFILA PONS, M. e CAU ONTIVEROS, M. (1994) – Las cerâmicas finas procedentes de la cisterna de sa Mesquida, Calvià (Mallorca). In *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*. Mao (1988). Barcelona, p. 257-288.

ORTON, C.; TYERS, P. e VINCE, A. (1993) – *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

PRUDÊNCIO, M. I.; DIAS, M. I.; RAPOSO, J.; GOUVEIA, Â.; FABIÃO, C.; GUERRA, A.; BUGALHÃO, J.; DUARTE, A. L. e SABROSA, A. (2003) – Chemical Characterisation of Amphorae from the Tagus and Sado Estuaries Production Centres (Portugal). In *Ceramic in the Society*. Fribourg: University of Fribourg, p. 245-253.

QUARESMA, J. C. (2011) – Chronologie final de la sigillée africaine A à partir des contextes de Chãos Salgados (*Mirobriga?*): différences chronologiques entre l'Orient et l'Occident de l'Empire Romain. In CAU ONTIVEROS, M.; REYNOLDS, P. e BONIFAY, M. (eds.). *Late Roman Pottery: solving problems of typology and chronology*. Archaeopress (RLAMP; 1), p. 67-86.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa: UNIARQ (*Estudos e Memórias*, 4).

QUARESMA, J. C. (2013) – Les contextes de Chãos Salgados, *Mirobriga* (Portugal): début du IIIe s. – premier quart du Ve s.. *SFECAG (Congrès International de Amiens. 9-12 Mai. 2013. Amiens)*, p. 385-408.

QUARESMA, J. C. (no prelo) – A evolução crono-estratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V. In FABIÃO et al. (no prelo). *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada.

RAPOSO, J. (2014) – Arqueologia Experimental na Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): investigação, interpretação, valorização e divulgação patrimonial de um Monumento Nacional. *Movimento Cultural*. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal, pp. 81-89. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.

RAPOSO, J. e DUARTE, Ana L. (1999) – Duas Taças de *Terra Sigillata* Africana na Quinta do Rouxinol. *Al-Madan*. 2ª Série. 8, p. 75-86. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>

RAPOSO, J. e DUARTE, Ana L. (2000) – Olaria Romana da Quinta do Rouxinol: investigação arqueológica e valorização patrimonial. In *1ªs Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, p. 126-140. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.

RAPOSO, J. e OLIVEIRA, A. (2010) – Tecnologias de Informação e Comunicação, Património Cultural e Museologia: a propósito de um dos fornos romanos da Quinta do Rouxinol. *Museologia.pt*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação. 3, p. 165-172. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.

- RAPOSO, J.; COROADO, J.; TRIÃES, R.; FABIÃO, C.; ALMEIDA, J. e SANTOS, C. R. (2104) – Restitución Formal y Funcional de un Horno Romano de la Alfarería de Quinta do Rouxinol (Seixal, Portugal): arqueología experimental, controlo de condiciones de cocción y análisis del material cerámico. In PALOMO, A.; PIQUÉ, R. e TERRADAS, X. (eds.). *Experimentación en Arqueología. Estudio y difusión del pasado*. Girona, p. 461-469 (Sèrie Monogràdica del MAC. Actas del III Congrés internacional d'Arqueologia Experimental, Banyoles, 2011). Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.
- RAPOSO, J.; FABIÃO, C.; GUERRA, A.; BUGALHÃO, J.; DUARTE, A. L.; SABROSA, A.; DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I. e GOUVEIA, Â. (2005) – OREsT Project: late Roman pottery productions from the Low Tejo. In GURT I ESPARRAGUERA, J. M.; BUXEDA I GARRIGÓS, J. e CAU ONTIVEROS, M. A. (eds.) – *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. (*British Archaeological Reports. International Series*, 1340), p. 37-54. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.
- RAPOSO, J.; SABROSA, A. e DUARTE, A. L. (1995) – Ânforas do Vale do Tejo: as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 35 (3), p. 331-352. Em linha: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>.
- RAPOSO, J.; SANTOS, C. R. e ANTUNES, O. (no prelo) – Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): quantificação e classificação das produções anfóricas. In Actas do Congresso Ânforas Lusitanas: produção e distribuição (Tróia, 2013).
- RAUX, S. (1998) – Méthodes de quantification du mobilier céramique. État de la question et pistes de réflexion. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)* (Collection Bibracte; 2), p.11-16.
- REYNOLDS, P. (1995) – *Trade in the Western Mediterranean. A.D. 400-700: the ceramic evidence* (TEMPVS REPARATVUM / *British Archaeological Reports. International Series*, 604).
- RÜTTI, B. (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*. Augst: Römermuseum Augst (*Forschungen in Augst, Band 13*).
- SANTAMARIA, C. (1995) – L'épave Dramont «E» à Saint-Raphael (Ve siècle ap. J.-C.). (*Archaeonautica*, 13).
- SANTOS, C. R. dos (2011) – *As Cerâmicas de Produção Local do Centro Oleiro Romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em linha: <https://cm-seixal.academia.edu/cezersantos>.
- TED'A (Taller Escola d'Arqueologia) (1989) – *Un abocador del segle V d.C. en el fòrum provincial de Tàrraco*. Tarragona: Ayuntamiento de Tarragona.
- VIEGAS, C. (2003) – *A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 26).